



Diferenças nas temáticas abordadas pelo Primeiro Jornal e pelo Jornal da Noite - uma experiência de estágio na SIC

Beatriz Marques Duarte

UMinho | 2023



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Beatriz Marques Duarte

Diferenças nas temáticas abordadas pelo Primeiro Jornal e pelo Jornal da Noite - uma experiência de estágio na SIC

outubro de 2023



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Beatriz Marques Duarte

**Diferenças nas temáticas abordadas pelo Primeiro
Jornal e pelo Jornal da Noite – uma experiência de
estágio na SIC**

Relatório de Estágio

Mestrado em Ciências da Comunicação

Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação do:

Professor Doutor Luís António Santos

outubro de 2023

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial
CC BY-NC

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Todo este percurso seria mais difícil sem o apoio de algumas pessoas que estiveram ao meu lado e a quem eu gostaria de deixar o meu sincero agradecimento.

Ao meu orientador, professor Luís António Santos, por toda a dedicação, disponibilidade e motivação ao longo de todo o meu percurso académico e por todos os conselhos concedidos neste último ano.

A toda a equipa da SIC, jornalistas, editores, repórteres de imagem, e em especial aos jornalistas Catarina Folhadela, Joaquim Ferreira e Kathleen Araújo pela excelente receção e por todos os momentos de aprendizagem.

Aos meus amigos que, muitas vezes, estando longe, apoiaram-me incondicionalmente e acreditaram sempre em mim. Obrigada por todos os momentos que vivemos juntos, por todas as partilhas de conhecimento e, sobretudo, por toda a paciência que tiveram comigo.

Por último, mas não menos importante, aos meus pais e à minha irmã, por toda a motivação e esforço depositado em mim, e por me fazerem compreender a importância da educação na vida de uma pessoa, e da constante busca de conhecimentos.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

STATEMENT OF INTEGRITY

I hereby declare having conducted this academic work with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of undue use of information or falsification of results along the process leading to its elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged the Code of Ethical Conduct of the University of Minho.

Universidade do Minho, outubro de 2023

Resumo:

O estágio curricular teve a duração de três meses, com início a 20 de março e término a 20 de junho de 2023, na redação da SIC, no Porto. Durante esse período foi possível observar com detalhe toda a logística de funcionamento interno da redação, os desafios e complicações que surgiram no terreno, assim como o contacto com as fontes. O presente estudo debruça-se na análise das temáticas abordadas pelo Primeiro Jornal e pelo Jornal da Noite da SIC. A partir da pergunta de partida - Em que medida é a produção informativa do noticiário Primeiro Jornal diferente do Jornal da Noite da SIC? - pretende-se avaliar, quantificar e classificar a informação a que os noticiários dão destaque, compreendendo as editorias tratadas, os tipos de fontes de informação que são escutadas nesse âmbito e o género jornalístico predominante. Para responder ao objetivo proposto, foi feita uma análise dos noticiários, em três semanas diferentes. O trabalho em investigação é complementado com entrevistas a jornalistas da redação do Porto, que ajudam a dar resposta aos resultados obtidos. O objetivo final é avaliar comparativamente os dois noticiários e de que forma a rotina de produção tem impacto nesse tópico. As conclusões mostram que o Primeiro Jornal opera sob maior pressão, priorizando temas de sociedade em comparação com outras seções, o que lhe confere destaque nas notícias da tarde. Em contraste, o Jornal da Noite concentra-se principalmente em notícias sobre política nacional e conflitos internacionais, com um maior rigor informativo e com espaço para outros géneros jornalísticos. Essas discrepâncias são resultado dos recursos humanos disponíveis nas redações, bem como das diferentes audiências nos dois horários.

Palavras-chave: jornalismo televisivo; noticiários; SIC; televisão; temáticas; fontes de informação; géneros jornalísticos

Abstract:

The curricular internship lasted three months, starting on March 20th and ending on June 20th, 2023, at the SIC newsroom, in Porto. During this period it was possible to observe in detail all the internal logistics of the newsroom, the challenges and complications that arose in the field, as well as contact with sources. This study focuses on the analysis of the themes covered by Primeiro Jornal and Jornal da Noite from SIC. From the starting question - To what extent is the informative production of the news program Primeiro Jornal different from SIC's Jornal da Noite? - the aim is to evaluate, quantify and classify the information highlighted in the news, understanding the editorials covered, the types of information sources that are heard in this context and the predominant journalistic genre. To respond to the proposed objective, an analysis of the news was carried out in three different weeks. The research work is complemented by interviews with journalists from the Porto newsroom, which help to respond to the results obtained. The final objective is to comparatively evaluate the two news programs and how the production routine has an impact on this topic. The conclusions show that Primeiro Jornal operates under greater pressure, prioritizing society's issues compared to other sections, which gives it prominence in the afternoon news. In contrast, Jornal da Noite focuses mainly on news about national politics and international conflicts, with greater informative rigor and space for other journalistic genres. These discrepancies are a result of the human resources available in the newsrooms, as well as the different audiences at both times.

Key words: television journalism; newscasts; SIC; television; themes; information sources; journalistic genres

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE	iv
Resumo:.....	v
Abstract:	vi
Introdução.....	1
1. Estágio curricular na redação da SIC, em Matosinhos	2
1.2. Sociedade Independente de Comunicação, S.A., canal de televisão privado em Portugal	2
1.3. Estatuto editorial.....	7
1.4. Organização interna, como tudo é posicionado	8
1.5. Estágio curricular.....	10
1.5.1. Fontes de informação – o contacto	18
1.5.2. Géneros jornalísticos.....	24
1.6. Reflexão e questões levantadas.....	27
2. Revisão de literatura	28
2.1. O que é uma notícia?	29
2.2. Rotinas de produção de notícias.....	30
2.3. Valor-notícia	32
2.4. Produção de informação na TV portuguesa.....	34
2.5. Síntese	37
3. Pergunta de partida e objetivos.....	37

3.1. Metodologia	38
3.2. Apresentação e discussão de resultados	41
3.2.1. Notas conclusivas:	56
4. Reflexão Final	61
Referências bibliográficas	62
Anexos:.....	68
Quadro 1: Editorias e géneros jornalísticos abordados (média semanal)	69
Quadro 2: Número e categoria de fontes escutadas (média semanal)	70
Quadro 3: Editorias e géneros jornalísticos abordados (média semanal)	71
Quadro 4: Número e categoria de fontes escutadas (média semanal)	72
Quadro 5: Editorias e géneros jornalísticos abordados (média semanal)	73
Quadro 6: Número e categoria de fontes escutadas (média semanal)	74
Anexo 7: Guião das entrevistas (coordenadora adjunta, jornalista e produtora)	75

Introdução

O presente relatório de estágio é resultado de três meses de estágio curricular realizado na redação da SIC, em Matosinhos, Porto, como parte do programa de mestrado em Ciências da Comunicação, com área de especialização em Informação e Jornalismo. A experiência de estágio compreende o período entre 20 de março de 2023 e 20 de junho de 2023.

A era digital marcou a década de 1990 e surgiu como o ponto de viragem na abordagem informativa dos noticiários. Expandiram-se novas temáticas, novos assuntos e acontecimentos, que permitiram discutir questões sociais, culturais e ambientais mais profundas. O jornalismo televisivo sofreu, por isso, grandes alterações no modo de trabalhar a informação que, no contexto atual, demanda agilidade para atender às novas necessidades das audiências.

Nesse contexto, pude observar durante a minha experiência na SIC que existem diferentes procedimentos na preparação do Primeiro Jornal (PJ) e do Jornal da Noite (JN). Embora as estruturas editoriais dos dois noticiários sejam distintas, é recorrente ouvir cidadãos a afirmar que "vemos sempre a mesma coisa na televisão". Torna-se, portanto, essencial avaliar se essa repetição ocorre regularmente, em momentos específicos do ano ou em relação a tópicos altamente mediáticos, nos quais é inevitável a ampla cobertura e discussão.

A estrutura do relatório está dividida em quatro partes, tendo como tema principal do primeiro capítulo a história da empresa onde o estágio curricular foi realizado, - Sociedade Independente de Comunicação - o estatuto editorial pelo qual a redação da SIC se rege, a organização interna e a experiência de estágio no canal. Ao longo desse período, tive a oportunidade de observar minuciosamente todos os processos internos que mantêm a redação em funcionamento, compreendendo os obstáculos e complexidades que surgem no terreno, além de interagir diretamente com as fontes de informação.

A revisão de literatura está inserida na segunda parte deste trabalho, com diferentes tópicos essenciais na compreensão do presente relatório. O terceiro capítulo abarca a pergunta de partida e, posteriormente, é traçado o plano metodológico do estudo. Ainda no mesmo capítulo, será feita a discussão dos resultados e apresentadas as principais conclusões. No capítulo final, é feita uma análise e reflexão sobre o estudo em questão.

Estágio curricular na redação da SIC, em Matosinhos

O primeiro capítulo do relatório dá a conhecer a empresa que contribuiu para a realização do estágio curricular. A Sociedade Independente de Comunicação, S.A. (SIC) foi a instituição escolhida para o estágio que teve a duração de três meses, com data de início a 20 de março e término a 20 de junho 2023. Num segundo momento do mesmo capítulo, tentarei expor os principais desafios que surgiram no exercício de funções, as soluções encontradas e, sobretudo, toda a aprendizagem retirada desta experiência.

Sociedade Independente de Comunicação, S.A., canal de televisão privado em Portugal

“SIC – A televisão que mexe consigo”. Esta é a premissa apresentada para quem vê, pela primeira vez, a Sociedade Independente de Comunicação, S.A., a primeira estação de televisão privada em Portugal. A sede do órgão de comunicação social situa-se na Rua Calvet de Magalhães, na localidade de Paço de Arcos, em Lisboa. A 6 de outubro de 2011, o 19º aniversário da SIC foi assinalado com a inauguração dos novos estúdios e instalações da Impresa Norte, na Rua Conselheiro Costa Braga, em Matosinhos, no qual o canal de televisão chegou a dividir o espaço com o jornal *Expresso* e a revista *Visão*. Atualmente, apenas divide a redação com o jornal *Expresso*.

Fundada por Francisco Pinto Balsemão, em 1987, a primeira transmissão da SIC apenas ocorreu cinco anos mais tarde, a 6 de outubro de 1992, com a imagem e voz de Alberta Marques Fernandes a abrir, às 16h30, o primeiro bloco noticioso da SIC. Este foi um marco importante, com a década de 1990 a assinalar o nascimento das estações de televisão privada em Portugal¹. Segundo Pinto Balsemão, “a TV privada tinha vingado em toda a Europa”, consequentemente, “era inevitável que isso não fosse uma realidade em Portugal”. José Azeredo Lopes, ex-presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação social (ERC), explica à Lusa que o nascimento da

¹ A década de 1990 marca o nascimento das duas estações privadas generalistas em Portugal: SIC, a 6 de outubro de 1992, e a TVI, a 20 de fevereiro de 1993.

SIC e o confronto direto com a estação de televisão pública modificou o panorama televisivo, permitindo um “maior pluralismo na informação”:

Primeiro, porque pela primeira vez o espaço televisivo deixava de ser um exclusivo do serviço público; em segundo lugar, porque rapidamente se percebeu que, para construir o seu espaço próprio no mercado, a SIC iria recorrer a produtos televisivos que a RTP - então, bem mais conservadora - até aí não tinha tido vontade de utilizar; terceiro, porque ia haver concorrência, com os efeitos em cascata que essa nova realidade implicava; quarto, e não menos importante, porque se criavam finalmente condições para, por exemplo, um pluralismo informativo. (Lopes).²

Para além disso, a informação na SIC demarcava-se dos demais. Em entrevista ao *Diário de Notícias*, Francisco Pinto Balsemão descreve que, no início da estação, os critérios da informação pautavam-se por:

um jornalismo mais independente e mais irreverente em relação ao poder político, feito com gente mais nova, mais atrevida e, sobretudo, focando assuntos que normalmente não eram tratados em televisão. (...) Nós não devemos existir para condicionar a política. Existimos para relatar o que acontece e hierarquizar os assuntos conforme a sua importância, segundo critérios jornalísticos deontologicamente aceitáveis. (Balsemão)³

Em apenas três anos, a SIC alcançou a liderança das audiências. Este triunfo deve-se à grande aposta na grelha diversificada de programas de informação, reportagem, entretenimento e ficção, que agradavam ao público em geral.

1. *Share* comercial das estações de televisão generalistas em Portugal

Canal/ ano	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
RTP1	72,2	61,5	46,9	38,4	32,6	33	31,5	28,5	24,3
RTP2	17,9	17,6	9,8	6,4	6,5	5,6	6,2	6	5,6
SIC	8,5	14,3	28,4	41,4	48,6	49,3	49,2	48,1	42,2
TVI	-	6,6	14,7	13,8	12,3	12,1	13,1	17,4	20,8

² Ver em https://www.rtp.pt/noticias/economia/aparecimento-da-sic-ha-20-anos-foi-uma-pedrada-no-charco-especialistas_n592935

³ Ver em <https://www.dn.pt/revistas/ntv/francisco-pinto-balsemao-se-pudesse-voltar-atras-nao-teria-a-mesma-opinio-2810653.html>

O sucesso da SIC deu frutos, contando atualmente com oito canais - a SIC generalista (1992), SIC Internacional (1997), SIC Notícias (2001), SIC Radical (2001), SIC Mulher (2003), SIC K (2009), SIC Caras (2013) e SIC Internacional África (2017). Este conjunto pertence à Impresa, o grupo de comunicação social que se dedica à edição impressa, digital e televisão e que é também detentor do jornal *Expresso*.

Alcides Vieira é o rosto mais antigo da informação, tendo desempenhado funções como diretor de informação da SIC desde o nascimento da estação. A fevereiro de 2016, surgiu uma nova estrutura na direção de informação e Ricardo Costa assumiu o cargo que ocupa desde então, com José Gomes Ferreira e Bernardo Ferrão como diretores adjuntos de informação e Marta Brito dos Reis e Patrícia Moreira como subdiretoras.

No livro *Memórias*, Pinto Balsemão (2021) refere que Alcides Vieira é das pessoas que “melhor sabe pensar televisão em Portugal”, argumentando que “acabou por ser o verdadeiro chefe de redação, no dia a dia, com bastante autonomia e levando a água ao seu moinho sem quase nunca levantar ondas”⁴.

Em 2005, quando questionado em entrevista ao jornal *Público* se a informação da televisão de serviço público tinha responsabilidades acrescidas, quando comparado com as estações privadas, Alcides Vieira deixou claro que “informação é informação” e por essas mesmas razões “não há diferenciação de obrigações, direitos ou deveres entre os públicos e os privados da televisão”. “Ou tem qualidade ou não tem. (...) As notícias do dia a dia têm de ser dadas de forma isenta, plural, equilibrada, rigorosa”, garantindo que a forma como se “comunica, mais ousada ou mais institucional, mais sensacionalista ou mais ‘séria’, é que é o resultado do trabalho” (Vieira)⁵.

Diariamente, a SIC transmite dois segmentos informativos com a duração de uma hora e 30 minutos: o noticiário Primeiro Jornal (PJ), às 13h00, que é apresentado, geralmente, pelo jornalista Bento Rodrigues e o Jornal da Noite (JN), pelas 20h00, que conta com os *pivots* Clara

⁴ Ver em <https://www.flash.pt/the-mag/detalhe/todos-os-nomes-a-historia-da-sic-e-os-pontos-nos-is-com-quem-a-fez-e-a-tentou-destruir-segundo-francisco-pinto-balsemao>

⁵ Ver em <https://www.publico.pt/2005/07/03/jornal/canais-privados-e-publicos-tem-as-mesmas-obrigacoes-28538>

de Sousa ou Rodrigo Guedes de Carvalho e o jornalista João Moleira, aos fins de semana. Este último bloco informativo e o JN são transmitidos em simultâneo com a SIC Notícias, o primeiro canal criado em 2001, que se dedica exclusivamente à informação, 24 horas por dia. Também ele está presente nas diversas plataformas digitais⁶.

De segunda à sexta, a partir das 6h00, é ainda emitido SIC o Manhã SIC Notícias, juntamente com o canal SIC Notícias, com os jornalistas Cláudio França e Mónica Martins. A informação dá primazia à atualidade nacional e internacional, com assuntos da sociedade, política, economia, desporto, cultura e saúde. Nestes espaços informativos há ainda possibilidade para o debate e para géneros jornalísticos como a entrevista, reportagem e a notícia - geralmente a mais utilizada.

Em entrevista ao *Diário de Notícias*, Francisco Pinto Balsemão explica que ao contrário da SIC generalista, a SIC Notícias é um projeto “com muita audiência”, que “serve um público muito mais restrito”, que quer realmente “ver informação”.

Este projeto demonstra que há uma grande apetência de um grupo de telespectadores que põe a informação como prioridade em termos de consumo televisivo. Aliás, só em Portugal é que os três jornais de televisão generalistas da noite têm mais de uma hora, sendo vistos, diariamente, por cerca de três milhões de pessoas. (...) Acho que que os portugueses gostam desse tipo de informação. Os noticiários também evoluíram, misturando a notícia pura e dura com outras estórias. (Balsemão)⁷

Mais tarde, no reafirmar de novas tendências e com um mundo cada vez mais digital, este meio de comunicação começou a estabelecer-se em diversas plataformas com a criação de um site, Facebook, Instagram e X, antigo Twitter. A fusão das redes sociais com os média tradicionais é uma fórmula que permite ter um maior alcance no número de leitores, garantindo, do mesmo modo, o sucesso de ambos.

Nem sempre temos tempo para ligar a televisão à hora certa ou despende de uma noite para assistirmos à programação, no entanto, basta um *click* no site para acedermos a todo o tipo de notícias e conteúdos atualizados. Uma vez que os *smartphones* passaram a ser uma ferramenta de trabalho e estamos constantemente “online”, regra geral, é nas plataformas digitais que somos primeiramente informados e só mais tarde vemos a

⁶ Site: <https://sicnoticias.pt/> Facebook: <https://pt-pt.facebook.com/sicnoticias/> Instagram: <https://www.instagram.com/sicnoticias/> Twitter: <https://twitter.com/SICNoticias>

⁷ Ver em <https://www.dn.pt/revistas/ntv/francisco-pinto-balsemao-se-pudesse-voltar-atrasnao-teria-a-mesma-opinioa-2810653.html>

mesma notícia na televisão. Neste caso, a tecnologia alia-se ao canal televisivo, passando a ser uma extensão do mesmo, complementando-o. (Mendes, 2021, p. 86)

Durante anos, a televisão foi a única opção dos telespectadores. Contudo, o aparecimento dos novos média fez com que a televisão fosse perdendo cada vez mais espaço na vida das pessoas, uma vez que existem muitas outras formas de ter acesso à mesma informação. Ainda assim, Francisco Pinto Balsemão (2012) esclarece que apesar de as pessoas não estarem interessadas em “programas com mais qualidade informativa”, nos períodos eleitorais, “a televisão continua a fazer enorme diferença em relação a qualquer outro meio, por mais que se fale da internet e das redes sociais”.

Perante uma emissora privada como a SIC, as receitas podem advir da pay-tv, isto é, o “consumidor paga por determinado conteúdo que quer ver”, como no caso do serviço de streaming da OPTO, ou através das “receitas de publicidade” que as empresas pagam para ter visibilidade no canal, num determinado período de publicidade (Gama, 2012, p.8). No entanto, é a publicidade que constitui a principal fonte de financiamento da SIC. De acordo com o Relatório e Contas 2021 do Grupo Impresa, a SIC representou “quase metade (49,6%) de quota de mercado do investimento publicitário entre os canais generalistas”.

(valores em €)	2021	2020	var %
Receitas	164 993 905	152 168 537	8,4%
Publicidade	108 758 179	99 579 334	9,2%
Subscrição Canais	32 888 848	32 939 603	-0,2%
IVR	121 195 211	16 201 650	8,6%
Outras receitas	32 888 848	3 447 949	66,9%

Fonte: Relatório e Contas 2021 do Grupo Impresa

A procura constante por audiências está então associada à captação de publicidade, que, conseqüentemente gera receitas. Fidalgo escreve que “num mercado escasso e tão fortemente concorrencial como o português”, os objetivos do canal privado são “basicamente comerciais, e

onde a busca sistemática de audiências [...] acaba por ser uma preocupação constante e incontornável” (Fidalgo, 2003, p.17). O ex-diretor de informação da SIC, Alcides Vieira, acrescenta que a rapidez com que os produtos noticiosos televisivos são disponibilizados é um dos critérios mais valorizados pela audiência, desde que a qualidade jornalística não seja colocada em causa. Nesse sentido, Nelson Traquina vai ao encontro dos autores mencionados anteriormente ao explicar que “num campo marcado pela concorrência, a importância deste valor estabelece a própria lei do ganho do jornalismo: quem ganha é quem primeiro dá a notícia” (Traquina, 2004, p. 77).

Estatuto editorial

A redação da SIC rege-se por um estatuto editorial⁸ próprio, que apresenta os seus valores éticos, objetivos e princípios fundamentais. Neste sentido, a empresa assegura que o principal objetivo é a “difusão de uma programação de qualidade e rigor informativo, independente do poder político ou económico e de qualquer doutrina ou ideologia”. Compromete-se a “respeitar os princípios deontológicos da Comunicação Social e a ética profissional do jornalismo, e a contribuir, através da produção nacional de programas informativos, formativos e recreativos, para a preservação da identidade cultural do País, o que implica também dar voz às novas correntes de ideias e um estilo inovador de programação”. Nesse sentido, realça que dará primazia aos direitos fundamentais do homem, excluindo “quaisquer incitamentos à prática de crimes ou à violação dos direitos fundamentais”. O estatuto editorial deixa também claro que a informação da SIC contribui para uma democracia pluralista, garantindo que “será isenta e rigorosa - o que pressupõe ouvir as partes em confronto e distinguir sempre entre notícia e opinião - e, tanto quanto possível, dinâmica e profunda”. Assim, o “serviço de programas”, SIC Notícias, partilha exatamente do mesmo estatuto editorial da SIC generalista, já que ambas pertencem ao grupo Imprensa, regendo-se pelos mesmos critérios na informação.

Observando de perto o funcionamento da redação da SIC, percebi que o canal está alinhado com as suas metas e objetivos. Todavia, enfrenta desafios ao lidar com certos obstáculos

⁸ Consultar <https://sdistribution.imprensa.pt/data/content/binaries/132/e75/c9b8dbdd-e94f42df-afac-a29b4145581f/ESTATUTO-EDITORIAL.pdf>. Acedido a 14 de novembro de 2022.

relacionados com a publicidade, que é veiculada diariamente a meio do jornal. Conforme mencionado, a publicidade desempenha um papel crucial no sustento financeiro da emissora, mas também influencia o espaço disponível e, por vezes, o conteúdo das notícias que são transmitidas, como o anúncio de estreias de novelas. Com base no que observei, fica claro que o objetivo principal da informação na SIC é proporcionar informações relevantes às pessoas, procurando diariamente novas histórias para relatar. Além disso, a intenção é informar o público de maneira abrangente, cumprindo os compromissos assumidos e abordando tanto assuntos de interesse nacional, quanto internacional. A procura por diversos tipos de fontes de informação permite também uma maior abertura nas várias perspetivas em debate, proporcionando à audiência a excelência na informação.

Acima de tudo, é um canal de televisão que mantém a imparcialidade, caracterizando-se pela qualidade no rigor informativo que apresenta aos espectadores. Procura ainda “contribuir para o esclarecimento da opinião pública no que respeita ao desenvolvimento cultural e social do País, no quadro do respeito pela sua identidade e liberdade e pelos direitos fundamentais do homem”.

Organização interna, como tudo é posicionado

Redação, local onde se constrói a informação televisiva.

A redação da SIC, no Porto, é composta por várias pessoas que, apesar de não aparecerem na televisão, em conjunto, criam a notícia: jornalistas, pivots, produtores, coordenadores, repórteres de imagem, editores de imagem, operadores de câmara e arquivistas. No total, são 24 secretárias e todos partilham o mesmo espaço, à exceção dos editores que têm salas próprias para trabalhar a imagem. A redação está dividida em três espaços: no primeiro bloco de secretárias estão os dois coordenadores, produtoras, chefe dos repórteres de imagem e o arquivista. No centro estão os jornalistas que ocupam os seus respetivos lugares, contudo, os dois últimos jornalistas a serem contratados não têm uma secretária atribuída e utilizam aquela que estiver desocupada no momento - um indicador da falta de recursos na redação. No fundo da sala estão os repórteres de imagem, os jornalistas que se dedicam mais à editoria de desporto e uma jornalista que trabalha sobretudo para documentários produzidos pela OPTO. Dado que

pertencem ao grupo Impresa, os colegas do *Expresso*, dividem o mesmo espaço, apenas com uma coluna que separa as duas redações.

Ao contrário do que acontece em grandes redações, como na sede da SIC, em Lisboa, na redação do Porto não existem editorias. Uma vez que os jornalistas não estão divididos por secções, acabam por fazer um pouco de tudo, passando pela cultura, desporto, economia, política, sociedade e internacional. Não obstante, estes profissionais relacionam-se de forma diferente com os temas em agenda, acabando por ter uma área a que se dedicam mais. Em forma de exemplo, há jornalistas que estão mais especializados com a área da saúde ou do desporto e, como consequência, os coordenadores atribuem-lhes serviços voltados mais para esses temas. Há ainda jornalistas que trabalham na íntegra para outros programas informativos, como o Carlos Rico, na Grande Reportagem, que ocupa grande parte do seu tempo em pesquisa de fontes e investigação, mas ao fim de semana, devido à falta de jornalistas na redação, monta peças para o Primeiro Jornal. Posto isso, quem faz a gestão e marcação dos diversos serviços no “Planning”, ou seja, a agenda, são os coordenadores da redação, a Catarina Folhadela e o Joaquim Ferreira, mas são as produtoras quem acerta os detalhes.

A produção é o ponto de partida das notícias, a área em que se estabelecem contactos, pedem e marcam entrevistas, com a hora e local, pedem autorizações quando implica entrar em algum lugar/instituição. A escolha dos serviços recai sempre naquilo que é novidade, última hora, *press releases* que entram no email, ou até pelo que leem nos jornais. Todas as quintas-feiras, depois do almoço, há uma reunião com os coordenadores, produtoras e jornalistas para decidir a agenda da semana seguinte e qualquer um pode sugerir temas para reportagens. A marcação dos serviços é sempre feita previamente, porém, no próprio dia, podem surgir notícias de última hora e o jornalista é enviado para o local sem saber ao certo o que está a acontecer, tendo como principal função recolher o maior número de informação possível no terreno e informar os telespectadores.

Os jornalistas estão divididos por quatro horários: manhã, dia, tarde e noite. Normalmente está apenas um jornalista e um repórter de imagem destacados para a manhã e é esta equipa que está a acompanhar a Edição da Manhã, com diretos, entrevistas e peças para editar, ou como se diz na SIC, “montar”, para o Primeiro Jornal. O horário “dia” é reservado essencialmente ao Primeiro Jornal e os jornalistas têm uma agenda a cumprir, com entrevistas para fazer ao longo

da manhã, para depois montar peça a tempo de passar no jornal que começa às 13h00. Este turno envolve uma grande “ginástica” por parte dos jornalistas que, muitas vezes chegam em cima do tempo à redação e ainda têm de visionar as entrevistas, cortar vivos⁹, escrever a peça e dar voz, para depois o editor de imagem montar a reportagem e dar por concluído o trabalho. O turno da tarde e da noite tem menos jornalistas destacados e é neste horário que acabam por fazer mais peças da secção internacional para passar no Jornal da Noite. Como à noite não há editores de imagem, os jornalistas têm de montar as reportagens na íntegra sozinhos, o que requer a necessidade de competências audiovisuais.

Ao lado da redação encontra-se o estúdio que sofreu um grande investimento no último ano. O jornal de desporto da edição das 12h00 é apresentado, em direto, pelo António Reis ou pela Filipa Pereira, a partir de Matosinhos, onde tive a oportunidade de assistir, por diversas vezes, à apresentação do jornal, a partir do estúdio. No primeiro mês do meu estágio, o estúdio estava ainda em fase de testes, mas num momento posterior, os convidados que não tinham a disponibilidade de se deslocarem até Lisboa, acabaram por fazer o seu comentário a partir da redação em Matosinhos. Apesar de existir uma régie, esta não é utilizada, uma vez que Lisboa detém o controlo total do estúdio, em Matosinhos, e o programa é gerido a partir de lá - este foi um dos grandes erros apontados pelo chefe dos editores de imagem, António Soares, quando me explicou o funcionamento da secção. Assim, o estúdio do Porto está seriamente condicionado e as câmaras, som e imagem são monitorizadas por Lisboa, deixando ao abandono a régie portuense, onde foram investidos milhares de euros.

Apesar dos desafios que estes jornalistas enfrentam no seu dia a dia, o ambiente na redação distingue-se pela positiva, com um grande nível de entreajuda e sempre disponíveis para me ajudarem e responderem a todas as dúvidas que fui colocando ao longo do estágio. Enquanto estagiária, o acolhimento foi excecional e toda a adaptação quer a nível social, quer a nível laboral foi bastante fácil.

Estágio curricular

⁹ Vivos são excertos de declarações de uma entrevista

O acesso ao estágio curricular na SIC tinha como condição uma entrevista presencial na redação do Porto. Posto isso, no dia 10 de outubro de 2022, pelas 11h00, entrei pela primeira vez naquele que viria a ser o meu local de trabalho nos meses seguintes. Enquanto aguardava no corredor, apercebi-me de que aquele espaço onde me encontrava, com diversos logotipos da SIC e do jornal *Expresso*, era na realidade o ponto de partida para muitos jovens com o mesmo objetivo que eu – começar uma carreira na área do jornalismo.

Primeiramente, fui recebida pelo Joaquim Ferreira e, logo de imediato, conheci a Catarina Folhadela, que me encaminharam até à sala de reuniões para a entrevista. Sentados à volta de uma grande mesa retangular, o nervosismo que sentia estava bem presente, mas depressa acabou por esmorecer quando comecei a falar com os dois jornalistas sobre o meu percurso académico. A entrevista durou pouco tempo, cerca de 15 minutos, mas foi o suficiente para perceber o bom ambiente entre os colegas de redação. Após esse momento mais formal, a coordenadora adjunta fez uma visita guiada, onde pude conhecer todos os “cantos da casa”. O primeiro ponto foi a redação da SIC e do jornal *Expresso*, apesar de divididas, ambas partilham a mesma área, o que me suscitou algum interesse em perceber como trabalham e que géneros de informação partilham entre si. Foi ainda possível conhecer alguns dos colegas que lá estavam a trabalhar no momento, assim como as salas de edição e gravação, a sala de maquilhagem e o estúdio.

Aquilo que mais curiosidade me suscitou no momento, foi o facto de uma das salas de gravação não ter um computador disponível para ler as peças que gravavam. Quando questionei o porquê de isso acontecer, explicaram-me que o computador foi transferido para a redação, dado que não havia verba suficiente para comprar um novo. Deste modo, o jornalista que tivesse de gravar uma peça tinha duas opções: ou imprimia o texto e lia por um papel, ou então pelo telemóvel. Este foi o primeiro indicador da falta de recursos de que a grande parte das redações padecem, o que me deixou um pouco surpreendida, dado que a SIC é um órgão de comunicação social nacional, com mais mecanismos financeiros do que a maioria.

Feitas as primeiras interações formais, despedi-me deles, com o pressentimento de que iria voltar. No dia seguinte, tive o parecer afirmativo dos recursos humanos, de que os jornalistas aprovaram a minha entrevista e o meu estágio começava em março. A simpatia e gentileza com que me receberam foi um bom presságio daquilo que estava para vir.

A 20 de março iniciei, oficialmente, o meu estágio curricular. Fui recebida pela coordenadora adjunta e orientadora, Catarina Folhadela, que, ainda mesmo antes de me atribuir uma secretária para me sentar, me enviou de imediato para um serviço com o jornalista Miguel Mota. De volta à redação, foi-me explicado como funciona todo o alinhamento do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite. Nessa mesma manhã, pude assistir ao ritmo diário e frenético que é a redação. Dez minutos antes de uma peça da Catarina Folhadela ir para o ar, sobre a morte de Rui Nabeiro, fundador do grupo Delta Cafés, a jornalista chamou-me à sala de edição para ver o editor de imagem a montar uma reportagem, em pouco mais do que cinco minutos. Até então, achava que todas as peças que passavam nos jornais do canal generalista e SIC Notícias eram feitas com alguma antecedência e que, a título de exemplo, às 13h00, quando começava o Primeiro Jornal, já estava tudo preparado para ser transmitido. Mas estava enganada. Muitas vezes, as peças são finalizadas em cima da hora e, segundos ou minutos depois, estão a passar na televisão.

A redação do Porto distingue-se por ter uma agenda que faz cobertura de tudo, e os profissionais que lá estão, trabalham para todos os jornais informativos, quer seja da SIC, quer seja da SIC Notícias. Também os dois canais trabalham em conjunto, já que as reportagens que passam no Primeiro Jornal ou Jornal da Noite, passam também nos jornais da SIC Notícias. Com bastante frequência, reportagens que estavam destinadas a passar nos noticiários do canal generalista “caem”, ou porque não têm relevância suficiente, ou até porque o alinhamento já está preenchido, e acabam por ser transmitidas no canal de informação de 24 horas.

Ainda no meu primeiro dia na redação, tive o primeiro contacto com o ENPS (electronic news production system), uma plataforma de trabalho bastante intuitiva e fundamental no trabalho dos jornalistas na SIC. O programa tem infografias já pré-definidas e oráculos; pastas que dão acesso ao alinhamento de todos os programas de informação da SIC e SIC Notícias; “Planning”; todas as notícias enviadas pelas agências de notícias internacionais e nacional e o “Master”, local onde se pode ler todas as peças escritas pelos jornalistas que passaram nos jornais e ainda as peças embargadas. É ainda neste programa que são escritas as reportagens. Todas estas pastas são comuns e todos os trabalhadores têm acesso a elas, mas nem todos têm autorização para fazer alterações. Relativamente à questão da imagem, toda a edição é feita no programa HIVE e, apesar de haver editores de imagem, todos os jornalistas sabem editar reportagens e acabam por fazê-lo sozinhos, muitas vezes. Uma das grandes falhas apontadas neste programa é o “orado”,

pasta onde são escritos os oráculos e construídas as infografias. Perto da hora de o PJ começar, o programa fica sobrecarregado, devido à quantidade de pessoas que está a utilizar a plataforma, o que provoca grandes constrangimentos e pressão no trabalho do jornalista, colocando mesmo em risco toda a reportagem, uma vez que a peça pode ir para o ar sem oráculos ou infografias.

A primeira peça que montei surgiu como um grande desafio, uma vez que o tema em questão era um mecanismo que leva ao aparecimento do Lúpus, neste caso, uns açúcares chamados glicanos. A notícia explicava que, com a bolsa de investigação atribuída, em cinco anos podia-se dar seguimento a um ensaio clínico e desenvolver um tratamento para esta doença crónica. Mas esta não era uma tarefa fácil para uma estagiária que tinha acabado de chegar e a própria jornalista explicou-me isso mesmo. Falar de ciência é sempre muito complexo, dado que é necessário explicar a quem está do outro lado do ecrã o tema em questão, traduzindo palavras complexas, “por miúdos”, isto é, palavras mais acessíveis a todos. Temas relacionados com tratamentos ou curas para determinadas doenças despertam sempre grande curiosidade por parte dos telespectadores. Com a prática e após muitas tentativas, acabei por entender que, em televisão, o segredo é “simplificar”, de modo a fazer entender a mensagem transmitida, mas sem perder a qualidade, correndo o risco de tornar uma notícia comum ou banal.

Quase todos os dias saía da redação para acompanhar um jornalista em serviço. Estar ao lado de um profissional é sem dúvida uma mais-valia, de que enquanto estagiária, tentei tirar o máximo proveito desta oportunidade. O comportamento do jornalista no terreno varia de pessoa para pessoa, até mesmo a abordagem com os entrevistados. Geralmente, antes de cada entrevista, os jornalistas têm sempre uma conversa prévia com a fonte, para perceber ao detalhe o tema que está em questão e só depois é que avançam para a entrevista. É também durante essa mesma conversação que o repórter de imagem aproveita para captar alguns planos que são necessários para o enquadramento da notícia. Dadas as circunstâncias do serviço, quando a imagem recolhida pelo repórter não é suficiente para “pintar” a peça, o jornalista avisa o produtor de que é necessário procurar imagens no *invenio* (plataforma do arquivo), relacionado com o tema em questão. Esta é, muitas das vezes, uma tática adotada no jornalismo televisivo quando não existem imagens suficientes para ilustrar a peça ou, quando não é possível usar imagens do arquivo, a solução passa por encurtar o texto da peça.

Ao contrário do que acontece em Lisboa, no Porto, é o vigilante quem faz as rondas, isto é, telefona para a GNR, bombeiros, proteção civil, hospitais, para saber se há alguma ocorrência que merece ser reportada. Quando o parecer é afirmativo, o jornalista e repórter de imagem que estiver com menos trabalho, ou destacado para a função de última hora, é enviado para o local. No fim de cada turno, o jornalista consulta o “Planning” para saber os serviços que tem marcado para o dia seguinte. Caso não tenha nenhum serviço marcado fora da redação, faz peça sobre um acontecimento que tenha acontecido no próprio dia e que não seja preciso recolher material do exterior. Quando são peças de internacional, por exemplo, o trabalho do jornalista está bastante condicionado, assim como o conteúdo da notícia, pois a única informação que tem são imagens enviadas pelas agências de notícias ou até mesmo redes sociais. Nesse caso, o jornalista não pode deslocar-se até ao terreno para recolher mais informação, falar com fontes, acabando por escrever a peça unicamente pelo que vê na imagem e/ou pela pouca informação que recolheu.

Uma das maiores dificuldades que senti no início do estágio foi a adaptação ao estilo de escrita para televisão. Habituada a escrever mais para jornalismo de imprensa, com informação detalhada e, grande parte das vezes, palavras mais técnicas, um dos grandes desafios foi aprender a escrever numa linguagem mais simples, informal e menos pormenorizada. Ao longo de todo o percurso pedi sempre aos jornalistas para corrigirem o texto da minha peça e, com esses conselhos de adotar um estilo de escrita mais virado para a linguagem corrente, acabei por me reajustar com o passar do tempo. A estrutura de uma peça divide-se em dois segmentos: pivot e no clip. O pivot é sempre escrito pelo jornalista e é a informação, resumo da notícia, que um pivot dá antes de a peça começar. O clip é a notícia em si ou, por outras palavras, os *offs* que são gravados e, de seguida, colados aos vivos. Consequentemente, é fundamental não repetir a informação que está no pivot e na restante estrutura do texto.

Fazendo uma breve análise do meu trabalho durante os três meses de estágio, escrevi um total de 27 peças e todas elas foram editadas por mim: construção em cânhamo; Dia Mundial da Voz; cirurgia robótica ao joelho; Comissão Europeia investiga Google; lançamento da peça de teatro “Vânia”; ensaios clínicos; ensino profissional; estudo sobre casamentos, a propósito do dia de Santo António; falta de nadadores salvadores nas praias; famílias debaixo da nova ponte sobre o rio Douro; Famílias acolhem jovens na Jornada Mundial da Juventude; greve dos tripulantes da EasyJet; descoberto novo mecanismo que leva ao aparecimento de lúpus; pão de ló de Vizela, a

propósito da semana da Páscoa; empresário encontrado morto em Braga; reabertura do tabuleiro inferior da Ponte Luís I; Cortejo académico da Queima das Fitas no Porto; queixas de assédio na Universidade do Porto; WRC Vodafone Rally de Portugal 2023; nova máquina de ressonância magnética; greve dos trabalhadores das IPSS; tráfico de droga; tráfico de seres humanos; yoga nas prisões; novo pacote de visitas ao Zoo de Santo Inácio e lançamento do novo álbum de Jorge Palma. Trabalhei ainda para as peças de outros jornalistas, fiz entrevistas, cortei vivos e escrevi frases para os oráculos.

O facto de não haver editorias foi uma mais-valia, pois permitiu-me aprender um pouco de tudo. Trabalhei para várias áreas – cultura, internacional, economia, política, saúde - mas gostei mais de abordar temas de sociedade. O contar histórias, ouvir as pessoas, aprender sempre algo novo com quem nos cruzamos pelo caminho, é algo que só esta secção consegue oferecer. São as histórias de proximidade e que podem acontecer a qualquer cidadão, que fazem com que o público se identifique, de certa forma, com aquilo que está a ver. Regra geral, numa reportagem de sociedade começa-se sempre por aquele que tem maior valor de proximidade. O objetivo é captar a atenção das audiências e ter uma história que “prenda a pessoa ao ecrã”.

Enquanto que no jornalismo impresso as peças podem ser assinadas pelos estagiários, nos canais de televisão generalista tal não acontece. Assim sendo, todas as peças que escrevi e editei não foram transmitidas, mesmo estando no nível exigido para passar em TV. Embora tenha desenvolvido várias competências através da prática, com margem para errar e aprender, esse é um dos aspetos menos positivos que encontrei no estágio.

Sob o visionamento e orientação de um jornalista, gravei falsos diretos e realizei entrevistas. Logo na primeira semana de estágio, entrevistei quatro estudantes e o diretor do agrupamento, no decorrer de uma manifestação de estudantes, na Escola Secundária António Nobre, no Porto. A entrevista ao diretor foi feita ao mesmo tempo com os restantes órgãos de comunicação presentes no local, o que, para mim, foi um desafio superado, mas que envolveu algum nervosismo inicial.

Em rádio ou imprensa, o enquadramento visual da entrevista não importa, mas em televisão, é preciso estar atento ao detalhe. Antes de iniciar uma entrevista, é preciso colocar o entrevistado na posição certa, assim como o jornalista e o microfone. Deste modo, se a primeira entrevista for feita com o jornalista do lado esquerdo da câmara, a segunda deve ser feita do lado

direito, para que na imagem exista um contraste e não torne o visual tão aborrecido. Deve haver ainda um equilíbrio na seleção do número de homens e mulheres para se manter a diversidade, tendo sempre em atenção o número de entrevistados. A questão do tempo é crucial em televisão e a maior parte das peças não deve ultrapassar os dois minutos e, por isso, não devem existir demasiadas entrevistas, nem ser demasiado longas. Dependendo do tema em questão, por norma, uma entrevista com três a quatro questões-chave é suficiente para a peça.

Numa reportagem, o facto de o tempo estar contado ao segundo faz com que algum conteúdo se perca. Posto isso, decidir que informação colocar no texto foi uma das grandes dificuldades encontradas. O texto anda sempre de mão dada com a imagem e se não existir mais imagem para ilustrar a peça, não pode existir mais informação. Nesse campo, a jornalista Maria José Mendes explicou-me que “é aí que os órgãos de comunicação social se complementam”, pois “se a informação na televisão for mais reduzida, o público vai procurar a um meio de comunicação com informação mais detalhada, como por exemplo um jornal”. Um dos exemplos dados são as reportagens de cultura, que envolvem lançamento de músicas ou até festivais e requerem pausas e respiros, com som, para se escutar e ver o tema abordado: “muitas vezes esses respiros ocupam algum tempo da peça e há informações que ficam por dizer”.

Relativamente aos recursos financeiros, quando comparado com as redações regionais, a SIC apresenta, indubitavelmente, maior poder económico, mas tudo isso deve-se ao facto de ser uma estação de televisão que lucra com as receitas da publicidade e vive em dependência constante das audiências. Não obstante, existem vários indicadores, como já referi acima, de que esta redação também tem fragilidades de investimento. Nos 135 anos do *Jornal de Notícias*, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, sublinhou o papel fundamental dos média nos regimes democráticos:

A Comunicação social atravessa uma crise económica e financeira terrível. Não é só em Portugal, mas também em Portugal. Começou na imprensa local, depois rádios locais, depois imprensa nacional, depois rádios, televisões e isso é um travão à democracia. Onde não há comunicação social forte, não há democracia forte. (Rebelo de Sousa)¹⁰

¹⁰ Ver em <https://www.jn.pt/nacional/videos/a-mensagem-do-presidente-da-republica-nos-135-anos-do-jn-16457706.html/>

À vista disso, a informação atua como um contrapeso do poder político ao fiscalizar e reportar tanto abusos de corrupção como práticas antiéticas, permitindo manter a sociedade informada e consciente das suas próprias decisões. Porém, os recursos disponíveis para que o jornalismo acompanhe a evolução da sociedade e da tecnologia são escassos, levando, por conseguinte, ao descontentamento dos jornalistas, aliado ao desgaste físico e psicológico que esta profissão exige.

Um dos aspetos que mais me surpreendeu foi o espírito de camaradagem entre jornalistas de outras estações de televisão. Ouve-se frequentemente falar da competitividade entre colegas, mas no Porto, não é muito visível. Muitas vezes, partilham informações uns com os outros, de modo a facilitar o trabalho dos mesmos, conversam, discutem assuntos, com um ambiente e dinâmica saudável.

Com o passar do tempo, senti que me foi dada mais oportunidade para me destacar e desenvolver competências. A confiança que os coordenadores depositaram em mim permitiu-me sair em serviços sozinha, sem um jornalista a acompanhar, apenas com um repórter de imagem. Deram-me espaço para mostrar o meu valor, tendo entrevistado todo o tipo de fontes, desde institucionais, como a bastonária da Ordem dos Enfermeiros; individuais, professores, alunos; até às oficiais, como o Presidente da República Portuguesa e o Ministro do Mar e da Economia. No fundo, o jornalismo é isso mesmo: tanto estamos com o microfone apontado para Marcelo Rebelo de Sousa, como à tarde estamos à procura de um canguru à solta em Vizela. São assuntos totalmente distintos e com níveis de interesse e valor notícia diferenciado, mas que, ao fim e ao cabo, resultam de uma adaptação ao cenário e circunstâncias da atualidade.

Na SIC deram-me margem para crescer e “viver” o jornalismo na sua plenitude. Nunca me senti diferente por ser estagiária e acredito que o facto de ter sido tão bem integrada, contribuiu para que, ao sair da minha zona de conforto tivesse, de certa forma, uma “rede de segurança” para o caso de eu cair. Esta é, de facto, a vertente prática que a teoria da universidade não nos consegue dar. Ao colocar em ação aquilo que aprendemos ao longo dos anos, deparamo-nos com uma realidade diferente. É na hora de fazer uma entrevista, no momento em que seguramos num microfone que diz “SIC”, que nos apercebemos do verdadeiro peso da responsabilidade que temos em mãos.

Fontes de informação – o contacto

Nenhum meio de comunicação social subsiste sem fontes, isto porque, grande parte da informação e dados adquiridos, necessários para a construção de um trabalho noticioso, advém das fontes. Para criar uma reportagem, o jornalista precisa de identificar as pessoas que têm o conhecimento e autoridade para fornecer informações relevantes. Desse mesmo modo, a entrevista é a principal ferramenta de pesquisa nesse processo e o sucesso de uma “estória” depende da habilidade do jornalista em persuadir as fontes a compartilharem informações que sejam consideradas pertinentes, com “valor-notícia”.

Neste sentido, a analogia de Melvin Mencher (1991, p.282) é reveladora da importância vital que as fontes de informação representam para a existência e prevalência do jornalismo. Entre a “dança” de Herbert Gans (1979, p.116) ou o “binómio” de Denis McQuail (2003, p.291), muitas têm sido as definições procuradas para enquadrar esta relação bilateral entre a fonte de informação e o jornalista, desde logo, naquilo a que concerne o papel que ambos desenvolvem no exercício das suas funções, bem como no jogo de poder que a alimenta. Esta relação é apontada como uma negociação entre jornalistas e fontes de informação que se resolve, em última análise, a um nível informal e privado e é uma relação mediada por uma condição essencial: a confiança (Marinho, 2000, p.351). Nesse sentido, é com base na confiança, que Pinto afirma que as fontes constituem uma dimensão central para a compreensão do jornalismo, sendo, ainda assim, fundamental perceber quem são estas fontes e qual é o papel que estas desempenham.

As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas. (Pinto, 2000, p.278)

No que concerne aos jornalistas da SIC, aquando da minha chegada ao estágio, apercebi-me que o contacto com as fontes de informação faz parte da rotina destes trabalhadores. Ao longo dos anos, os profissionais que lá trabalham foram criando uma rede de contactos que serve como suporte para as notícias que aparecem no exercício da função. Numa agenda pode surgir todo o tipo de conteúdo, daí ser importante ter um contacto direto com quem o jornalista possa muitas

vezes tirar dúvidas, ou até, elucidar-se do tema. Tudo isto está à distância de um telefonema, mensagem ou email. É com a fonte que o jornalista recolhe dados e informações que, numa fase seguinte, dará origem ao produto noticioso. À vista disso, é necessário partir para a prática e fazer um estudo prévio, averiguando o assunto em causa. Temas mais complicados, como ciência e tecnologia, por exemplo, requerem um olhar mais cauteloso, dado que, os jornalistas lidam, regularmente, com termos técnicos, com os quais não estão familiarizados. É neste contexto que a fonte facilita o trabalho e explica a parte técnica, detalhadamente, para que, em seguida, o jornalista decomponha e simplifique o tema de modo a que se torne perceptível para o público. Em notícias de última hora, o contacto com as fontes é, ainda, extremamente relevante, dado que o jornalista pouco ou nada sabe sobre este acontecimento que acabou de despoletar.

Vou utilizar como exemplo o caso das buscas às câmaras municipais de Vila Nova de Gaia e do Porto, que resultou em sete detenções e 12 arguidos, no âmbito da “Operação Babel”. Quando se deu a notícia das buscas, possuía-se pouca informação, apenas que o vice-presidente da autarquia de Gaia estava envolvido. Nesse dia, dois jornalistas foram diretamente para o terreno para fazer diretos para a Edição da Manhã da SIC Notícias: um para a câmara de Gaia e outro para a do Porto. Eu fiquei na redação a assistir a todo o trabalho dos restantes jornalistas. Nesse momento, os coordenadores e jornalistas ligaram para todos os contactos que tinham relacionados com estas instituições, desde assessores até à Polícia Judiciária. Foram minutos de espera a tentar fazer contactos com várias fontes. Ao mesmo tempo, os jornalistas que estavam no local a acompanhar as buscas, tentavam recolher o máximo de informação possível para o direto, enquanto recebiam informação extra da redação e tentavam atualizar-se a partir de outros órgãos de comunicação social. Este foi, portanto, um trabalho que só deu resultados com a cooperação de todos - colegas e fontes.

No decorrer dessa semana, os detidos foram presentes a juiz de Instrução Criminal para, no fim, aplicar uma medida de coação. Todos os dias, por volta das 08h00, eu, o repórter de imagem e a jornalista que estavam a acompanhar o caso, saíamos da redação para fazer o primeiro direto em frente à Polícia Judiciária, local onde os detidos passavam a noite. De seguida, dirigíamo-nos até ao Tribunal de Instrução Criminal para gravar a chegada dos arguidos e tentar falar com os advogados, mas sem sucesso. E assim foi durante quatro dias. Os jornalistas tinham pouca informação sobre quem tinha sido detido e os advogados nada diziam. Evidentemente, há

informação que acaba por sair cá para fora, mas isso deve-se a fontes muito próximas que jornalistas de outros canais têm e acabam por partilhar com os colegas. Posto isto, trabalhar nestas condições foi muito difícil, os diretos já estavam marcados e o jornalista tinha de dar alguma informação ao telespectador. Assim, como se pode constatar, o trabalho jornalístico sem fontes é altamente dificultado e em casos como estes, que envolvem o abuso de poder, esquemas de corrupção e favorecimentos, a regra-chave é tentar ligar sempre ao contacto mais próximo que houver.

Mazzarino (2007) defende que qualquer pessoa pode ser fonte, ser entrevistada e fornecer informações, mas ser cultivada enquanto fonte significa que há uma conversão de interesses entre o profissional do campo jornalístico e o promotor da informação, e esta relação baseia-se nos interesses de troca. Broersma, den Herden e Schohaus (2013) apontam, a este respeito, que “ambas as partes precisam de sentir que têm algo a ganhar” (p.388).

Pode-se pensar que são sempre os jornalistas e coordenadores a propor temas, mas a verdade é que os cidadãos também o podem fazer. Todos os dias entram no email comunicados, relatórios, convites e propostas de reportagens para fazer, enviadas pelas fontes, quer sejam elas, cidadãos comuns, assessores de imprensa, empresas, ou até agências de comunicação, a convidar os jornalistas para comparecer em eventos, conferências de imprensa ou a promover e comercializar um produto qualquer. Uma proposta destas implica perceber até que ponto o assunto sugerido tem valor-notícia, uma vez que, pode acontecer ser mera estratégia publicitária por parte da fonte. Nesse campo é preciso saber equilibrar bem o relacionamento com a fonte, dado que o jornalista não quer ficar de costas voltadas com a fonte, nem aceitar ser um condutor de propaganda. A mediação é o caminho certo a adotar e pode escolher um ângulo diferente de abordar o assunto, sem que nenhum dos dois fique a “perder”.

Neste domínio, são diversas as fontes destacadas: fontes oficiais, fontes institucionais, fontes especializadas, fontes não-oficiais, fontes individuais, fontes de referência, entre outras (Schmitz, 2011). Ao chamar estas fontes para o espaço público, dando-lhes destaque, os média noticiosos assumem um papel fundamental, funcionando como mediadores entre as instituições e os públicos, constituindo-se como veículos de informação credíveis.

A fonte individual refere-se a cidadãos comuns, comentadores não-especializados, isto é, qualquer pessoa “que não fale por uma organização ou grupo social” (Schmitz, 2011, p.10).

Chaparro (2009) descreve essa fonte como "informal" devido à sua capacidade de tornar a narrativa jornalística mais pessoal e próxima do público, acrescentando elementos humanos à mesma. A fonte institucional é categorizada pelos representantes de instituições credíveis, empresas, sindicatos:

O acesso habitual aos media verifica-se, sobretudo, por parte de instituições e entidades situadas na esfera política e institucional, quer através de funcionários especializados, quer através de pessoas ligadas diretamente à vida política, as quais cultivam relações com os jornalistas de uma maneira assídua e por vezes muito próxima, como acontece com os "correspondentes" e os jornalistas acreditados junto de instituições que produzem um grande fluxo de notícias. São, pois, as fontes "institucionais" organizadas e profissionalizadas as que mais acesso têm aos media, constituindo um importante sustentáculo das relações de poder instituídas [...]. (Serrano, 1999, p.10)

Aquelas que representam o poder público denominam-se por fontes oficiais. Como explica Lage (2001), são indivíduos que ocupam posições ou cargos públicos e fornecem declarações através de órgãos governamentais que representam os poderes estabelecidos pelo Estado, tais como o poder executivo, legislativo e judiciário, bem como organizações relacionadas, como “as juntas comerciais e os cartórios de ofício; empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações, etc.” (Lage, 2001, p.27). Lage (2001, p.65) descreve a fonte não oficial como “fonte independente”, e alerta para o facto desta categoria ter “uma fé cega naquilo que defende”. “Tal disposição coloca sob suspeição os dados que fornecem, já que a nobreza do fim pode justificar, na representação de realidade deles, a falsidade dos dados. O êxito de sua retórica depende fundamentalmente de serem considerados “agentes espontâneos” e “desvinculados de qualquer interesse” (Lage, 2001, p.29). Quanto às fontes especializadas, geralmente, estão associadas a uma ocupação específica ou campo de especialização, envolvendo a habilidade de avaliar as potenciais ramificações ou resultados de ações ou eventos particulares. “Esse tipo de fonte pode fornecer informação factual [...] ou interpretativa [...], conforme a sua *expertise*” (Schmitz, 2011, p. 11). Neste domínio, para além das fontes humanas, agrupadas em oficiais, profissionais, não profissionais ou cidadãos, existem ainda as não-humanas, que Lopes (2016) insere nos seguintes grupos:

- Documentos: integram-se aqui textos oficiais, textos especializados, comunicados/notas de imprensa e outros documentos.

- Media: distinguimos aqui os média generalistas dos media especializados.

- Web 2.0: esta categoria abrange, sobretudo, blogues, redes sociais e sites.
- Outros: todos os documentos que não cabem nas categorias anteriores (Lopes, 2016, p.186)

As fontes de referência, conforme explica Schmitz (2011) e Chaparro (2009), tratam-se de um grupo que fornece a base para o conteúdo jornalístico e enriquece a narrativa, incorporando justificações e conceitos. Este último conjunto de fontes tem um papel determinante na investigação jornalística. As agências de comunicação revelam-se fundamentais numa redação como a SIC mas, ao seguir este sentido, o trabalho jornalístico pode ficar comprometido. É, desde logo, indispensável expandir o número de fontes, de modo a que o trabalho do jornalista não fique condicionado. Nesse sentido, no momento em que o profissional tem acesso a comunicados ou notas de imprensa deve consultar outras fontes, não sendo viável ou até pouco credível escrever uma notícia apenas por aquilo que leu no comunicado.

No email da SIC entram, diariamente, comunicados com a informação, enviada pelos assessores de imprensa dos Ministros, sobre as visitas que vão fazer a determinado local e a respetiva agenda política. Neste género de cerimónias, a presença da comunicação social é quase garantida, não pelo próprio acontecimento em si, mas antes por aquilo que é importante destacar na atualidade. E esta é a verdadeira missão do jornalismo. Acompanhei por diversas vezes eventos, como a conferência do Millenium Talks, que contou com a comparência do Presidente da República, ou a cerimónia das obras dos “183 anos dos Bombeiros Sapadores de Vila Nova de Gaia” com o Ministro da Administração Interna, ou a feira da Exponor exhibitions, com a presença do Ministro do Mar e da Economia. Este exemplo de contacto com as fontes oficiais requer um tratamento diferente, pois antes de entrar em diálogo direto é necessário contactar o assessor dessa mesma fonte, ou seja, um intermediário. São os assessores quem nos dá informação do momento em que a fonte estará ou não disponível para falar. Sabe-se, à partida, que o jornalista fará perguntas que possam causar incómodo ao entrevistado, com temas sensíveis, como a crise política e instabilidade no Governo, o caso TAP, ou até a questão dos incêndios na época de verão. Sendo função do assessor de comunicação pensar estrategicamente a atividade comunicativa do assessorado, acaba por surgir um entrave no trabalho do jornalista. É ele [o assessor] quem toma a decisão, se a figura oficial de Estado deve ou não falar, e que atua como gestor de crise. Neste

âmbito importa referir que, mesmo que o assessor comunique que o assessorado não vai falar, é função do jornalista tentar conversar com a pessoa, neste caso, a figura de Estado em causa, porque, em última instância, a decisão final é do entrevistado. Ana Luísa Barroso, produtora da SIC, refere que há 20 anos, quando começou a trabalhar, falava diretamente com as fontes:

Ligávamos diretamente para os ministros, presidentes das câmaras e às vezes era complicado, mas tínhamos reações e respostas mais espontâneas. A conversa direta com as pessoas com quem queremos falar é muito importante, até porque ao telefone percebemos reações e interjeições. Era melhor nessa perspetiva, mas às vezes era complicado porque não conseguíamos chegar à fala com a pessoa. Agora é mais fácil porque existem as agências, assessores de imprensa, há toda uma série de caminhos que podemos percorrer até chegar ao contacto com a pessoa, mas há sempre um intermediário, o que nos faz perder muito. No contacto direto a pessoa acaba por dizer mais do que aquilo que pretendia inicialmente, assim como um silêncio é muitas vezes esclarecedor. Compreendo que esses filtros existam até para evitar que a pessoas digam mais do que aquilo que devem. (Ana Luísa Barroso, entrevista, 29 de setembro, 2023)

No caso do desporto, nomeadamente do futebol, a criação de canais de televisão de clubes, dedicados exclusivamente a esse campo, veio colocar diversos obstáculos no trabalho jornalístico. Em Portugal, o Benfica foi pioneiro na criação de um canal de televisão, o Benfica TV, com conteúdo exclusivo pago. Nesse momento, os clubes começaram a empregar profissionais com experiência no jornalismo, nomeadamente, jornalismo desportivo, para formarem redações, desenvolvendo uma estratégia de comunicação ao criar conteúdos informativos. Passaram a “produzir conteúdos e fazer uma comunicação que está entre a prática jornalística, o marketing e a comunicação institucional” (Borges, 2019, p. 131).

Posto isso, o facto de os clubes terem os próprios canais de televisão restringe o acesso dos outros canais aos jogadores e ao próprio clube. Neste cenário, Borges afirma que os clubes possuem “dois trunfos”: “o primeiro é poder limitar o acesso aos media e assim poder produzir informação exclusiva; e o segundo é publicar a informação oficial, que se torna muito valiosa devido à crise de credibilidade pela qual passa a imprensa” (Borges, 2019, p. 124).

Todos os jogos da UEFA Europa League são transmitidos na SIC. Nesta situação, os coordenadores enviam repórteres para cobrir os jogos que decorrem durante a competição, mas raras são as vezes em que os jornalistas conseguem entrevistar um jogador. O único acesso que têm às fontes restringe-se às conferências de imprensa, em que é o clube que decide se o jogador

fala, ou não, ou ainda, qual é o jogador que vai falar. Deste modo, o trabalho jornalístico está completamente limitado e as únicas imagens que conseguem captar é a entrada e saída dos jogadores do hotel, os treinos “abertos à imprensa” e os respetivos jogos. A redação investe, portanto, bastante dinheiro nas viagens dos enviados especiais, mas no fim acaba por ter pouco acesso à informação que é completamente controlada pelos clubes de futebol.

Com isto, pode-se concluir que a generalidade das fontes de informação tem como propósito influenciar a agenda mediática e o processo de produção noticiosa, de forma a criar uma interpretação social dos temas que lhes interessam (Lopes, Ruão & Marinho, 2010). Broersma, den Herden e Schohaus salientam, também, que “fontes como políticos, movimentos sociais, empresas ou organizações não governamentais (ONG) têm um interesse fixo em ser visíveis na cobertura noticiosa” e que dispõem de “liberdade para ignorar os avanços dos jornalistas ou apenas concordar em participar de acordo com as suas próprias condições” (Broersma, den Herden & Schohaus, 2013, p.388).

Com base na minha experiência, compreendi que o trabalho e o contacto com fontes, por norma, é bastante fácil. No entanto, há casos que implicam o diálogo mais demorado, para explicar o nosso ponto de vista, e alguma moderação. É imprescindível estar atento às intenções da fonte de informação, confrontá-las, e não nos deixarmos levar pela astúcia da mesma, procurando sempre validar essas informações num outro lado.

Géneros jornalísticos

Nos meios de comunicação social, a linguagem é adaptada a modelos funcionais-argumentativos, designados por géneros jornalísticos, que compreendem duas categorias: géneros informativos e géneros opinativos. Nuno Crato explica que se pode apontar “duas razões para a existência de uma grande variedade de géneros no jornalismo contemporâneo: a multiplicidade de assuntos tratados e a diversidade do público” (Crato, 1986, p.138). Neste seguimento, e inseridos no género informativo, inclui-se a notícia, a breve, a reportagem, a entrevista e o inquérito, em que Lopes (2010) explica que serve “para dar a conhecer factos/acontecimentos, através da sua descrição e narração”. Já a categoria opinativa, que “visa dar a conhecer ideias, através da exposição de comentários e juízos de valor acerca de factos/acontecimentos”, compreende o editorial, o artigo de opinião, o artigo de análise, o comentário e a crónica.

Em televisão aplicam-se os dois géneros aqui expostos, e em segmentos informativos, como o que a SIC Notícias apresenta, é com bastante frequência que assistimos à parte mais factual dos acontecimentos, como as reportagens, bem como, logo de seguida, é-nos anunciado um espaço para a opinião de um comentador.

“Informação” e “opinião” caminham paralelamente e, não raramente, “misturam-se” e interagem, numa promiscuidade observável em qualquer suporte jornalístico. Embora os jornais, nomeadamente os ditos “de referência”, proclamem a distinção clara entre textos de “informação” e textos de “opinião” em espaços claramente abalizados, determinados, não será difícil para um leitor mais atento encontrar diariamente exemplos que constituem prova do contrário. (Lopes, 2010, p. 10)

Como refere a autora, apesar de estes dois géneros estarem lado a lado, é importante realçar que um facto não deve ser “contaminado” por uma opinião. Grande parte do segmento dos jornais informativos da SIC é ocupada pela reportagem. Moraes Gonçalves, Dos Santos e Porto Renó (2015, p. 229) explicam que a reportagem é “a complexidade de conteúdos somada à simplicidade da narrativa”:

existe um género que contém no seu texto – ou pode conter –, todos e cada um dos demais géneros. É informativo, mas também opinativo. Pode tratar da atualidade, ainda que também permita a inclusão de algum texto de criação. Muitos autores consideram-no um híbrido entre os escritos informativos e os interpretativos, mas realmente trata-se da fusão de todos os géneros jornalísticos. É a reportagem. (Yanes, citado em de Moraes Gonçalves, Dos Santos & Porto Renó, 2015, p. 229).

Este é o género que coloca à prova um profissional, com uma abordagem de assuntos complexos e amplos que justifica a sua produção mais demorada. Exige uma escrita criativa que envolve a factualidade dos acontecimentos. Uma das tarefas que mais vezes efetuei foi, precisamente, escrever reportagens. O desafio de escrever para as imagens de que disponho, torna-se um processo criativo, que depende muito de jornalista para jornalista. São eventos misturados com factos e opiniões de pessoas resultam num produto final, que tem como objetivo informar as audiências. Exemplificando, se me derem o trabalho de escrever uma peça com base em certas imagens e informação e derem o mesmo material a outro jornalista, a história vai acabar por estar escrita de forma diferente. Ora, isso não implica que alguma esteja errada, apenas significa que há diferentes abordagens e ângulos numa reportagem.

Assim, a estrutura de uma reportagem em TV funciona de uma forma diferente do impresso. Aqui não há forma de voltar atrás, para reler ou tentar perceber o que foi dito. A

entrevista é uma forma de fazer jornalismo que está sempre presente em reportagem e só assim é possível contar uma história cativante. Quando um jornalista faz várias entrevistas, de todas elas é extremamente relevante decidir a que vai ser usada para iniciar uma peça. É essa entrevista que terá impacto e deixará o telespectador “colado ao ecrã”. Do ponto de vista televisivo e pelo o que me foram alertando durante o meu estágio, quem está a assistir precisa de se identificar com o que está a ver e o ângulo pessoal deve ser sempre aquele pelo qual uma reportagem deve começar.

No Manual de Jornalismo de Televisão da Cenjor, Oliveira (2007, p.9) explica que os “principais géneros jornalísticos televisivos são: peça de telejornal, reportagem de telejornal, documentário ou grande reportagem, entrevista, debate e apresentação”. Para o autor, o que distingue estes géneros é a “duração”, “formato”, “linguagem televisiva” e “linguagem jornalística”. Geralmente, uma peça é caracterizada pela curta duração, ou off¹¹, “não superior a 1’20” e que não exige a utilização de muitos recursos, nem a deslocação para o terreno. A reportagem é, no entanto, um pouco mais extensa, com “duração variável entre os 1’20 e os 1’50”, que exige trabalho de investigação relativamente ao tema abordado, “meios de produção, pós-produção” e “recursos técnicos”. É o género mais utilizado em televisão, que “aplica técnicas narrativas próprias, baseadas em critérios de preponderância da imagem, tempo de discurso, ritmo, velocidade, pausa e técnica de escrita” (Oliveira, 2007, p.11). Nos noticiários da SIC, para além da reportagem, a entrevista pode ainda assumir-se como um “género jornalístico autónomo conhecido como entrevista pergunta-resposta” (Gradim, 2000, p.76), como acontece, por vezes, em diretos ou com convidados no estúdio. Já a grande reportagem (GR) implica uma “investigação jornalística demorada e aprofundada, maior tempo de produção e de preparação e maior tempo de execução”. Por norma, tem uma duração entre os “25 e os 50 minutos” e aborda questões pertinentes e fraturantes na sociedade. Relativamente ao debate, este pode ser feito “em direto” ou “gravado” e requer a presença de “um entrevistador e vários convidados”, exigindo “recursos complexos de realização”. Por último, a apresentação funciona como uma “relação entre o jornalista”, ou pivot, e a “câmara de televisão”, podendo ser feita tanto no interior do estúdio como no exterior.

¹¹ Género televisivo em que o pivot lê a notícia, em direto, enquanto são lançadas as imagens.

Deste modo, em Portugal, o género de reportagens nos noticiários tem sofrido mudanças significativas. Inicialmente, tinha uma abordagem mais simples e informativa, mas com o avançar dos anos, as reportagens ganharam progressivamente um carácter mais apelativo. Adquiriram-se técnicas de produção audiovisual mais avançadas e narrativas mais envolventes. O processo de mudança foi antecipado por académicos como Hall (1973) e Tuchman (1978) que abordam essa evolução na natureza das reportagens jornalísticas, discutindo a mudança na produção de notícias e reportagens ao longo do tempo. Argumentam que a complexidade e a atratividade das reportagens jornalísticas aumentaram em resposta às exigências do público e à transformação na indústria dos media. Assim, a era digital ganhou espaço, permitindo o público ter uma participação mais ativa. Além do mais, expandiram-se novas temáticas, novos assuntos e acontecimentos, que permitiram abordar questões sociais, culturais e ambientais mais profundas.

Da mesma forma que o conhecimento é um processo em constante evolução, sujeito a mudanças contínuas, Medina (2001, p.53) defende que “realizar uma classificação universal” nos géneros jornalísticos é praticamente uma tarefa impossível, uma vez que eles estão sempre em mudança, em transformação”:

Nas discussões sobre géneros jornalísticos, o que mais importa é que eles sirvam de estilos de organização para os profissionais dos media, com o dever de informar os seus leitores de uma forma mais neutra possível, visando à construção de uma sociedade justa e transparente, seja opinando, divertindo, orientando, criticando, esclarecendo ou de outra forma qualquer. O que importa é que o jornalismo cumpra com a sua função social, ou seja, deve estar ao serviço da sociedade, e não de grupos económicos, sociais ou religiosos. (Medina, 2001, p.53)

Reflexão e questões levantadas

Após três meses de estágio curricular, integrado no plano de estudos do Mestrado em Ciências da Comunicação, no ramo de Informação e Jornalismo, importa perceber e explorar algumas questões que se levantaram durante este período de tempo. O capítulo que se segue pretende analisar e dar resposta àquilo será o objeto de estudo deste relatório de estágio.

Neste sentido, percebi, pela experiência que tive na SIC, que há diferentes formas de tratar a informação que passa nos jornais. Durante a minha primeira semana na redação, foi-me explicado que o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite tinham abordagens distintas nas reportagens que passavam em televisão, sendo que o primeiro abordava temas de sociedade com os quais as

peessoas se identificavam mais, e o segundo explorava assuntos de cariz internacional e muito direcionado para as *hard news*. Além disso, há ainda notícias que passam duas vezes no mesmo dia, contudo, a reportagem que passa no jornal, à hora do almoço, é reescrita e sonorizada por um outro jornalista, à hora do jantar. Apesar das grelhas de alinhamento do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite serem diferentes, é muito comum ouvirmos as pessoas a dizer que “está sempre a dar a mesma coisa na televisão”. Importa, desde logo, perceber se isso acontece sempre, ou em determinadas alturas específicas do ano, ou ainda com temas bastante mediáticos, em que é inevitável não falar e não trazer esse assunto para “cima da mesa”. Esta pode ainda ser uma ideia pré-concebida que as pessoas têm e, por isso, é relevante perceber realmente a diferença entre os temas das reportagens abordadas no Primeiro Jornal e no Jornal da Noite, na SIC, e a explicação para isso acontecer. Sabemos também que as notícias dão visibilidade aos acontecimentos, por isso, fazem com que certos casos não sejam esquecidos. Os jornais têm, por isso, um papel importante em selecionar aquilo que merece ser ou não destacado, uma vez que muita gente está informada e a par das notícias do “país e do mundo” a partir daquilo que vê na televisão.

Partindo da minha experiência na SIC, estabeleceu-se a seguinte questão de partida: “Em que medida é a produção informativa do noticiário Primeiro Jornal diferente do Jornal da Noite da SIC?”. Neste estudo pretende-se identificar os assuntos que têm maior destaque, quais as suas características e as fontes de informação ouvidas. Numa outra fase, será possível tirar as devidas conclusões através da análise detalhada das temáticas abordadas e perceber, de facto, quais são as diferenças dos noticiários e o porquê de isso acontecer.

Revisão de literatura

O presente capítulo do relatório de estágio tem como objetivo estudar os conceitos teóricos, rever as pesquisas e discussões desenvolvidas pelos diversos autores sobre o tema aqui em causa: “Em que medida é a produção informativa do noticiário Primeiro Jornal diferente do Jornal da Noite da SIC?”. Por conseguinte, este é o ponto de partida para desenvolver o estudo aqui proposto. Uma vez que a noção de fontes de informação e géneros jornalísticos já foi analisada, juntamente com a vertente prática do estágio curricular, será agora abordada a notícia

e as rotinas de produção da mesma, o valor-notícia e a produção de informação na televisão portuguesa, respetivamente.

O que é uma notícia?

Tendo por base o estudo em questão sobre a produção informativa dos noticiários Primeiro Jornal e Jornal da Noite da SIC, importa primeiramente entender o conceito que está por detrás de toda a questão: afinal de contas, o que é uma notícia?

Esser e Hanitzsch definem notícia como uma informação factual sobre eventos recentes que são interessantes e relevantes para o público em geral. Eles destacam a importância da “objetividade”, “precisão” e “imparcialidade” na apresentação de notícias (Esser & Hanitzsch, 2012). Já Tuchman (1978) argumenta que a notícia é uma construção social baseada em práticas e rotinas jornalísticas. A autora destaca a importância do processo de seleção e construção da notícia pelos jornalistas, que influencia a maneira como os eventos são percebidos e interpretados pelo público. Jay Rosen (1991) vai mais longe e argumenta que a notícia deve ir além da mera questão dos factos e eventos, propondo o conceito de “jornalismo cívico”. Para o académico, o jornalismo deve atrair os cidadãos, promovendo o debate público, de modo a desempenhar um papel ativo na melhoria da sociedade. Para os defensores do “jornalismo cívico” ou “jornalismo público”, como Rosen (1991), Davis Merritt (1995) e Arthur Charity (1995) (citado em Lima, 2009, p.1), o jornalismo tradicional “tem fomentado uma lacuna na participação dos cidadãos na vida pública, afastando-os do processo democrático”(Lima, 2009, p.1), mas Lima acrescenta que, nesse caso, o modelo praticado atualmente, que segue a objetividade e imparcialidade, “precisa ser radicalmente substituído por uma prática que, ao invés de apenas reportar fatos ao público leitor, procure inserir o cidadão no espaço público permitindo-lhe o acesso à formulação de políticas públicas” (Lima, 2009, p.2). Deste modo, a notícia é influenciada e construída com base em determinados critérios de noticiabilidade, construção da realidade, relações com fontes, decisões de gatekeepers e procura pela objetividade. A transição para o digital alterou ainda a produção, distribuição e consumo de notícias, tendo um impacto substancial no modo como são feitas as notícias:

A partir da década de 1980 a informatização tornou-se um processo crescente em todas as atividades industriais e oferta de serviços, na busca por produtividade e eficiência, o

que vem sendo decisivo para as reconfigurações do jornalismo neste início de século, tanto do ponto de vista do surgimento de novas mídias, quanto em relação aos processos produtivos e desafios profissionais. (Agnez, 2011, p. 63)

Como veremos mais à frente, a definição de notícia está inserida num conjunto de critérios que compreendem o que pode ser considerado ou não noticiável, tendo por base normas que definem e explicam quando um acontecimento tem conteúdo informativo para tal.

Rotinas de produção de notícias

Identificar e reconhecer as rotinas de uma redação é uma parte fulcral para compreender os processos de produção de um noticiário. É, então, essencial entender o que fazem os jornalistas e como o fazem para que o produto final esteja pronto a ser consumido pelas audiências, integrando todos os métodos de elaborar uma notícia, desde a recolha, seleção, tratamento e hierarquização da informação.

Shoemaker e Reese descrevem as rotinas de produção como “práticas e formas padronizadas, rotinizadas e repetidas que os trabalhadores dos média utilizam para fazerem o seu trabalho” (Shoemaker & Reese, 1996, p. 100). No entanto, com o avançar do tempo, têm surgido alterações no modo como o jornalista trabalha a informação. Na década de 50 apareceram os primeiros estudos sobre as rotinas de produção jornalísticas e, desde então, os conceitos teóricos têm-se alterado, com o aparecimento de diferentes plataformas que auxiliam o trabalho na redação. Nessa altura, o papel do jornalista resumia-se a selecionar e filtrar informação, com um modelo de produção influenciado pelo *gatekeeper*. Essa teoria evidencia o papel dos jornalistas e editores que selecionam e filtram as informações que serão divulgadas. De igual modo, decidem quais os eventos que se tornam notícia e como essas notícias são apresentadas ao público, levando Shoemaker e Reese a afirmar que o “processo de seleção de notícias e a forma como a informação é moldada são influenciados por uma série de fatores, incluindo valores profissionais, rotinas organizacionais e pressões do ambiente” (Shoemaker & Reese, 2014).

Neste âmbito, sabemos que “a missão do repórter é captar a realidade objetiva com a maior amplitude e precisão possíveis, narrá-la com fidelidade, de tal forma que o leitor receba a mais cabral informação sobre o facto” (Medina, 1988, p.80). No entender de Deuze, isso confere ao trabalho dos jornalistas “uma aura de instantaneidade e imediatismo, já que ‘notícia’ enfatiza

a novidade da informação como seu princípio definidor. O trabalho do jornalista envolve, portanto, noções de velocidade, agilidade na tomada de decisões, pressa e trabalho em tempo real acelerado” (Deuze, 2005, p.449).

O ponto de viragem aconteceu na transição para o século XXI, com o aparecimento da internet, surgiu uma alteração nas práticas editoriais, assim como as próprias rotinas de produção. Pollyana Ferrari, chama a atenção para a eventualidade de um jornalista precisar de começar a “escrever notícias para vários formatos de distribuição: internet via cabo, internet móvel (...), televisão interativa e outros que irão surgir nos próximos anos” (Ferrari, 2004, p. 40). O trabalho das redações transformou-se com o digital, passando a haver uma noção de tempo e de espaço diferente e que exigiu a adaptação dos jornalistas às diferentes ferramentas e técnicas tecnológicas.

Os conteúdos que, até ao início do novo século, permitiam diferenciar os meios tradicionais (texto/ jornal; som/ rádio; vídeo/ televisão) passaram a ser transversais nas edições online, situação que atualmente torna difícil saber qual o meio que está na origem de muitas das ofertas online. (Canavilhas, 2013, p.39)

Jenkins (2006) defende que a participação do público tornou-se essencial, dando destaque à importância da “inteligência coletiva” e da colaboração entre jornalistas e cidadãos. Ainda assim, apesar de existir um acesso mais facilitado à informação, com o aparecimento da web 2.0, também surgiu um desafio: perceber se a informação a que se tem acesso é fidedigna ou não. As redes sociais permitiram ainda que os cidadãos comuns se tornassem produtores de conteúdo, colocando em risco a credibilidade dos órgãos de comunicação social. A esta interação e união de diferentes média Jenkins (2006) intitula o fenómeno de cultura de convergência. Bowman e Willis (2003) argumentam que a capacidade dos cidadãos em relatar eventos, em tempo real, através das vastas plataformas de redes sociais a que têm acesso, influenciaram as rotinas de produção noticiosa, exigindo, deste modo, uma maior rapidez na divulgação e verificação das notícias.

Os jornais têm vindo a adequar os seus conteúdos e formatos aos desafios tecnológicos, bem como às várias exigências do mercado, modificando práticas anteriormente instituídas. (Ribeiro & Resende, 2017, pp.139-140)

Posto isso, a velocidade e a procura pela audiência também impactaram as rotinas de produção noticiosa. Com a criação dos canais de informação 24 horas por dia, a pressão pelo

imediatismo passou a ser um fator preponderante. McChesney (2013) alerta que esta lógica de mercado leva a um jornalismo cada vez mais sensacionalista e virado para o entretenimento, colocando de lado o jornalismo de investigação. Toda a lógica de mercado mencionada anteriormente leva Sousa a concluir que “a maior parte do trabalho jornalístico não decorre de uma pretensa capacidade intuitiva para a notícia nem de um hipotético “faro” jornalístico, mas de procedimentos rotineiros, convencionais e mais ou menos estandardizados de fabrico da informação de atualidade” (Sousa, 2002, p.50).

Valor-notícia

A teoria do valor-notícia é fundamental no campo do jornalismo, já que orienta a seleção e a apresentação das informações de uma notícia. Refere-se às características ou critérios que tornam uma determinada informação relevante e interessante para o público. Por outras palavras, é o critério utilizado pelos jornalistas para decidir quais as histórias que merecem ser publicadas ou transmitidas, baseando-se na premissa de que os jornalistas selecionam e enfatizam certas histórias com base em determinados critérios. Vários autores académicos discutiram e desenvolveram o conceito do valor-notícia ao longo do tempo, fornecendo diferentes perspetivas e abordagens que nos ajudam a compreender melhor este ponto.

Os pioneiros deste termo, Galtung e Ruge (1965), identificam uma série de critérios que influenciam a seleção e a publicação de notícias como a:

a frequência, a amplitude, a intensidade absoluta, o aumento de intensidade, a inequívocidade, a significância, a proximidade cultural, a relevância, a consonância, a predicabilidade, a exigência, a imprevisibilidade, a impredicabilidade, a escassez, a continuidade, a composição, a referência a nações de elite, a referência a pessoas de elite, a referência a pessoas e a referência a algo negativo. (Galtung e Ruge, citado em Silva & Jeronymo, 2017, p. 4).

Porém, à medida que o jornalismo se adaptou a novas realidades, foi necessário rever e atualizar estas definições. É então que Mauro Wolf (1994), autor do livro *Teorias da Comunicação*, dá relevo ao papel dos jornalistas na seleção de acontecimentos na cobertura noticiosa. Wolf destaca a importância do contexto social e cultural ao examinar o processo na seleção de notícias, sugerindo que os jornalistas baseiam as suas decisões em critérios de noticiabilidade, que são influenciados por fatores como o interesse público, a novidade, a

proximidade geográfica, o conflito e relevância. Nelson Traquina (2002), vai ao encontro de Wolf ao afirmar que os critérios de noticiabilidade variam de acordo com diferentes culturas jornalísticas e são influenciados por valores sociais, políticos e culturais. Ambos os autores enfatizam que os critérios de valor-notícia não são universais e podem variar nos diferentes contextos jornalísticos e culturas. Esses mesmo critérios acabam por moldar a seleção de eventos, histórias e tópicos que se tornam notícias, e a percepção pública da realidade é parcialmente moldada por essas decisões dos jornalistas.

Para os autores Golding e Elliott (1979), os valores-notícias funcionam como um todo, desde a fase de seleção do que é merecedor ou não de ser notícia, até à construção e hierarquização da informação. Assim, quanto mais um evento apresenta as características de um incidente noticiável, maior é a probabilidade de ser considerado adequado como produto informativo.

Os valores-notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operacionais redatoriais. Não é verdade que estejam para além da compreensão dos jornalistas que não seriam capazes de os articular. Na realidade, os valores-notícia estão continuamente presentes nas interações quotidianas dos jornalistas na sua cooperação profissional. (Golding e Elliott, 1979, p. 114)

Correia (1997) segue um pensamento idêntico ao dos académicos Golding e Elliott e explica que “falar dos valores-notícia significa falar de todo o processo de informação” (Correia, 1997, p. 136), isto é, aplica-se a todas as etapas do trabalho jornalístico, desde a recolha e seleção da informação, até à elaboração e apresentação da mesma, avaliando as componentes que tornam esta informação digna de ser ou não notícia. Os valores de seleção referem-se aos princípios pelos quais os jornalistas se regem, decidindo, desta forma, que acontecimentos do dia a dia devem ou não integrar o conteúdo jornalístico. Traquina (2008) aponta ainda a organização jornalística como um fator manipulável no valor-notícia.

A direção da organização jornalística (ou os seus donos) podem influenciar o peso dos valores notícia com a sua política editorial, às vezes por razões pessoais, dando prioridade a certo assunto ou tema. Foi notável, por exemplo, a quantidade de notícias sobre a sinistralidade rodoviária em Portugal, muitas vezes com o destaque da primeira página, publicadas no jornal Diário de Notícias em 2001. (Traquina, 2008, p.94)

Posto isso, existe um conjunto vasto de critérios que classificam a noticiabilidade de um acontecimento. Mesmo assim, não “há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre os outros” (Traquina, 2008, p. 96) e por mais diferenças que tenham, os produtos jornalísticos são “muito mais homogêneos do que se pensa” (Bourdieu, 1997, p. 16).

Produção de informação na TV portuguesa

A produção de informação nas estações de televisão portuguesas depende muito de cada canal, mas, apesar das diferenças, as televisões apresentam um modelo de trabalho aproximado. Têm as suas próprias abordagens, no modo como tratam a informação, e filosofias na produção de notícias e conteúdos informativos.

Fazendo um estudo aos programas utilizados nos diferentes canais generalistas portugueses, Ramos (2015), explica que o programa de trabalho utilizado pela RTP é o mesmo pela SIC: o ENPS- The Essential News Production System. Deste modo, esta plataforma funciona como um pilar que sustenta todo o trabalho de produção informativa e contém “informações acerca do evento, do jornalista que vai cobrir, das horas de saída e chegada e do repórter de imagem que vai acompanhar o jornalista” (Ramos, 2015, p.16). Já a “iNews” é a plataforma utilizada pela redação de informação da TVI, contudo, o funcionamento técnico da mesma é idêntico à dos restantes canais, uma vez que permite “consultar e alterar o alinhamento dos vários blocos informativos; alocar as peças que vão para o ar; escrever o texto da reportagem, lead, pivot e oráculos; acompanhar as atualizações das agências internacionais; enviar mensagens curtas a outros jornalistas” (Coelho, 2013, p.15). Numa primeira instância, até se pode deduzir que plataformas de trabalho parecidas podem resultar em métodos e linhas de produção similares, mas as rotinas e abordagens temáticas de um noticiário vão muito além disso. É, então, necessário compreender que as redações são responsáveis pela produção de conteúdo noticioso e informativo, que se estabelecem pela procura de notícias, investigação e apuramento de informações, contacto com as fontes, redação da notícia, edição e produção audiovisual.

Numa análise dos conteúdos informativos dos canais generalistas (RTP1, SIC e TVI) e temáticos de informação (SICN, RTPN e TVI 24), entre as 18h00 e a 01h00, de segunda a sexta-feira, Lopes e Loureiro (2011, p.53) concluem que, no que toca à diversidade de convidados, “o canal com um leque menos variado é a SICN”. Deste modo, o mesmo acontece na SIC, dado que,

“os canais temáticos funcionam como um reflexo dos respetivos canais generalistas” (Lopes & Loureiro, 2011, p.49). De acordo com os autores, jornalistas e políticos são as profissões prioritárias nos programas de informação, com direito a comentar as mais variadas temáticas em debate. São profissões cuja atividade não se concentra na criação de bens materiais, mas sim na facilitação de interações sociais e humanas, o que lhes permite deslocar suas perspetivas para questões que não estão diretamente ligadas a eles próprios. “Qualquer um deles está autorizado a uma extensão da sua competência a que um biólogo, por exemplo, não está” (Lopes & Loureiro, 2011, p. 52).

Comparando os canais generalistas com os temáticos, regista-se um número substancialmente maior de convidados [nos temáticos], produto de uma programação feita essencialmente de fluxo, logo com muito mais espaço em antena para fazer entrar pessoas em estúdio. Aliás, grande parte do serão informativo dos canais de informação faz-se com a discussão da atualidade. (Lopes & Loureiro, 2011, p. 52)

Os principais resultados do Relatório de Regulação 2021, divulgado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, demonstram que no Jornal da Noite, as “temáticas dominantes mais frequentes são a política nacional, saúde e ação social e desporto” (ERC, 2021, p.42). Relativamente à diversidade de fontes de informação analisadas, observa-se, do mesmo modo, uma “concentração das fontes oriundas das áreas da política nacional, saúde e ação social, sociedade e comunicação” (ERC, 2021, p.43). Ademais, é no campo da política nacional que se encontram os principais protagonistas do noticiário.

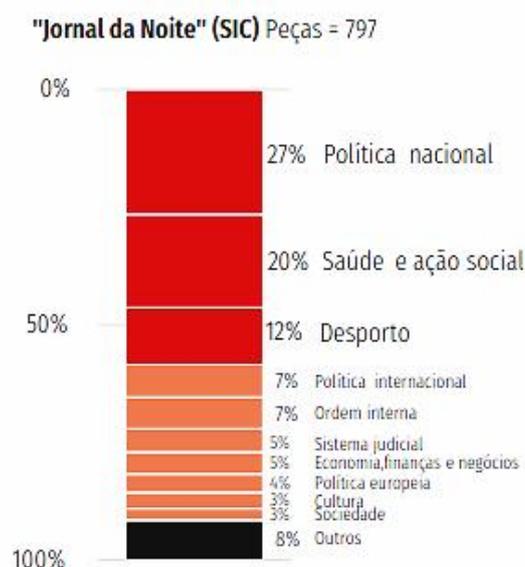


Fig. 1 Diversidade Temática (Relatório de Regulação 2021, ERC, 2021) - Em 2021, a política nacional, saúde e ação social e desporto concentram 59 % das peças dos noticiários da SIC

No mesmo relatório, considera-se ainda que existe tendência a conceder uma visibilidade significativamente maior a indivíduos do sexo masculino (72%), ao passo que a representação feminina é substancialmente menor (19%). No estudo da amostra feito por Costa (2016, p. 32) ao Primeiro Jornal, a autora constata que os temas relacionados com política e economia são os que ocupam a maior porção do noticiário e estão, “habitualmente”, posicionados na primeira parte do jornal. Sociedade e Desporto assumem o segundo e terceiro lugar no alinhamento.

O estudo empírico realizado por Brandão (2006), contou com a análise de 180 telejornais e 6315 notícias dos três noticiários televisivos generalistas portugueses, e concluiu que as temáticas mais abordadas são “política nacional” (mais de 14% das notícias veiculadas pelos três canais de televisão enquadram-se nesta editoria), “desporto e “acidentes e catástrofes”. O bloco temático “política nacional” é o que tem maior noticiabilidade na SIC e, logo de seguida, “acidentes e catástrofes”. Deste modo, o autor explica que os canais privados, apesar de terem objetivos comerciais, não diferem em muito dos canais privados. No mesmo seguimento, na análise aos seis noticiários dos três canais de televisão generalista, Silva (2018) concluiu que os noticiários

das 13h00 tiveram mais diretos do que os das 20h00 e “temas de acidentes e catástrofes e desporto foram os mais noticiados em direto” (Silva, 2018, p.34).

Esses acidentes e catástrofes a que os académicos se referem estão, muitas vezes associados a eventos que acontecem no estrangeiro, inseridos na secção do internacional. Britto (2003) explica que “conforme vemos nas matérias de TV, uma parcela significativa das imagens é proveniente de agências de notícias”. “CNN, Associated Press e Reuters são algumas das mais vistas entre as fontes de imagem” (Britto, 2003, p.10). O recurso a agências de notícias é um método bastante utilizado pelos canais de televisão uma vez que, como explica Moore (citado em Burlacu, 2017, p.19), “mandar um jornalista para cobrir apenas um evento em outro país é caro” e “tais despesas serão dificilmente justificadas quando a circulação e a rentabilidade na indústria noticiosa são cada vez menores”.

Síntese

O jornalismo é então caracterizado por uma evolução contínua, moldada pelas transformações sociais, tecnológicas e políticas. Nesse contexto dinâmico, a natureza das notícias veiculadas na televisão está sujeita a uma constante mutação, influenciada diretamente pela agenda mediática vigente e pelos acontecimentos que são considerados dignos de destaque no dia. As decisões editoriais sobre as quais as histórias ganham visibilidade estão intrinsecamente ligadas aos eventos, debates públicos e interesses das audiências, refletindo o equilíbrio entre informar e cativar a atenção do público. A adaptação das notícias à agenda mediática não espelha apenas a rápida circulação de informações na sociedade em que vivemos, mas também desafia os profissionais do jornalismo a permanecerem ágeis e atentos, garantindo uma cobertura jornalística relevante e eficaz.

Pergunta de partida e objetivos

O objetivo fundamental deste estudo consiste, precisamente, em avaliar, quantificar e classificar os tipos de reportagens a que se dá destaque, no jornalismo televisivo português, em específico no Primeiro Jornal e Jornal da Noite da SIC, atendendo ao contexto já conhecido. O relatório de estágio é, por isso, orientado pelos seguintes critérios:

- 1) A partir do visionamento dos noticiários, compreender a produção noticiosa aplicada nos dois principais jornais da SIC generalista;
- 2) Entender o modo como a informação é trabalhada, isto é, a rotina de produção, tendo por base a explicação e conhecimento dos jornalistas que lá trabalham e a minha respetiva observação;
- 3) Identificar, categorizar e quantificar as reportagens tratadas no Primeiro Jornal e Jornal da Noite, sob a minha perceção e observação durante o estágio curricular e respetiva orientação dos jornalistas;
- 4) Compreender e discutir os resultados obtidos.

Metodologia

Com o intuito de abordar os tópicos mencionados anteriormente, este relatório de estágio utilizará como base o enquadramento teórico previamente apresentado. Recorri à análise quantitativa e qualitativa de um conjunto 30 noticiários, que correspondem a um período de 15 dias em 2023. A metodologia obedece a uma estrutura e conjunto de critérios¹², aos quais devem ser respondidos e explicados devidamente, tais como:

- 1) o tipo de materiais e dados que serão analisados;
- 2) método(s) e as técnicas de recolha/ geração de dados e análise;
- 3) justificação para a escolha de determinado método;
- 4) triangulação metodológica;
- 5) identificar
- 6) pressupostos metodológicos, potenciais limitações e formas de as minorar
- 7) articulação teórico-prática
- 8) questões éticas

Na análise quantitativa, a recolha de informação é complexa e exige um “rigor nos processos e procedimentos e elevada precisão” que, num processo sequencial como este,

¹² A estrutura e conjunto de critérios adotados tem como sustento a unidade curricular de Metodologias de Investigação e de Intervenção, no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação 21-22, lecionada pela Professora Doutora Rosa Cabecinhas, no dia 6 de dezembro de 2021.

“qualquer erro ou ambiguidade tem efeito nas fases seguintes e no resultado” (Álvares, 2021, p.9). Deste modo, a autora explica que “o principal objetivo numa investigação quantitativa é o de testar a hipótese geral de investigação” (Álvares, 2021, p.13). Assim, a organização da informação a partir de uma pesquisa quantitativa procura “uma precisão dos resultados, a fim de evitar equívocos na análise e interpretação dos dados, gerando maior segurança em relação às inferências obtidas” (Paschoarell, Medola & Bonfim, 2018, p.67). Na análise de realidades sociais, Ramos explica que os métodos quantitativos servem para três “propósitos básicos”:

- 1) descrever e/ou comparar características de grupos sociais, realidades, contextos ou instituições;
- 2) estabelecer relações causais, ou seja, verificar os efeitos das variáveis, a sua extensão particular e o efeito em bloco de uma série de variáveis independentes em relação a outra, que é a dependente;
- 3) inferir resultados para uma população, a partir dos resultados obtidos numa amostra (estatisticamente representativa). (Ramos, 2013, p. 61)

A partir dos dados obtidos e com base na informação recolhida, será, então, efetuada, como parte da análise quantitativa, uma esquematização em forma de tabela. Na tabela pretende-se comparar a atuação dos dois noticiários, destacando a duração das peças, géneros jornalísticos, o número e tipo de fontes, assim como as editoriais a que se destinam, tendo o objetivo de contextualizar e perceber de uma forma pormenorizada as temáticas abordadas no âmbito dos jornais da SIC. A organização de uma investigação a partir de métodos quantitativos – seja com recurso a bases de dados já existentes ou a partir da recolha e tratamento de dados primários - exige um trabalho sólido de conceção e planeamento da estratégia.

Nesse sentido, procedi à análise e visionamento dos noticiários Primeiro Jornal e Jornal da Noite, da SIC. O período de pesquisa compreende os cinco dias úteis da última semana de junho, da primeira semana de julho e da última semana de julho de 2023, o que equivale aos dias do noticiário: 26, 27, 28, 29 e 30 de junho; 3,4,5,6 e 7 de julho e 24, 25, 26, 27 e 28 de julho de 2023. O primeiro intervalo de análise selecionado diz respeito a uma semana que não teve grande atenção mediática em Portugal, a segunda semana selecionada compreende a apresentação do relatório preliminar da comissão parlamentar de inquérito (CPI) à TAP e a terceira semana corresponde à Pré-Jornada Mundial da Juventude e a um evento que aconteceu fora de

Portugal, mas que interessa perceber o impacto que tem nos noticiários da SIC: eleições legislativas em Espanha.

A visualização dos jornais é realizada através da plataforma digital OPTO, onde são arquivados e disponibilizados todos os programas em questão nos últimos 30 dias. Após essa data, todo o conteúdo relacionado com os noticiários desaparece da plataforma. Deste mesmo modo, o facto de o acesso a essa temática ser tão restrito, num intervalo tão curto de tempo, o presente estudo processa-se após o término do meu estágio.

O programa Primeiro Jornal tem, por norma, maior duração do que o Jornal da Noite, que é um pouco mais curto – 10 minutos de diferença - o que permite recolher, em cada dia, uma quantidade diversificada de notícias. A seleção de diferentes períodos de tempo permite estender o tapete para uma análise comparativa das suas abordagens na produção informativa, bem como às fontes que são escutadas.

Numa fase posterior, como técnica de recolha de dados e inserido no método qualitativo, optei ainda por fazer entrevistas a três jornalistas da SIC, que ocupam diferentes cargos e funções na redação do Porto: Catarina Folhadela, coordenadora adjunta e jornalista; Maria José Mendes, jornalista, e Ana Luísa Barroso, produtora e jornalista. Nesta medida, Terrence e Escrivão Filho (citado em Paschoarelli et al. 2018, p.67) explicam que a abordagem qualitativa segue o paradigma alternativo, uma vez que este método “defende a ideia de que as abordagens exclusivamente quantitativas não são satisfatórias, o que possibilita a utilização de abordagens qualitativas na pesquisa científica, as quais buscam compreender as intenções e significados das ações humanas” (Denzin; Lincoln, 2011; Alves-Mazzotti; Gewandszjnjer, 2004, citado em Paschoarelli et al. 2018, p.67). No que diz respeito à abordagem metodológica, podemos considerá-la como uma combinação de métodos, predominando o uso de abordagem quantitativa, mas também incorporando elementos de análise qualitativa. Coutinho (2004, p.444) esclarece que “o que deve determinar a opção metodológica do investigador não será a adesão de uma outra metodologia (...) mas o problema a analisar”.

Assim sendo, a entrevista é uma “poderosa técnica de recolha de dados, porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador, possibilitando a este último a obtenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário” (Coutinho, 2018, p.141). Esta técnica permite ao entrevistado exprimir “as suas perceções de um

acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências”, acrescentando a possibilidade de “retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p.192).

Todas as entrevistas foram realizadas via ZOOM e gravadas no respetivo computador. Os dados recolhidos não serão transmitidos a terceiros e apenas poderão ser utilizados para fins académicos de investigação, que, desde logo, são compatíveis com a finalidade para o qual os dados foram originalmente recolhidos. Neste estudo, foi desenvolvido um guião de entrevista (Anexo 7) que contém as diretrizes claras para abordar os tópicos investigados, tornando mais fácil a compreensão dos assuntos em foco.

É importante mencionar que obtive permissão das entrevistadas para gravar as entrevistas em áudio, que foram, posteriormente, transcritas. Adicionalmente, durante as entrevistas, foram tiradas notas para garantir que nenhum detalhe fosse omitido, incluindo hesitações ou palavras específicas enfatizadas pelos entrevistados. Nenhuma das participantes expressou o desejo de manter o anonimato. Deste modo, a participação foi voluntária e, após entrar em contacto com as mesmas, todas consentiram fornecer a identidade para o estudo, assim como alguns dados fulcrais para a investigação.

Por último, mas não menos importante, a discussão de resultados tem por base três tabelas construídas após o visionamento dos noticiários. A primeira tabela coloca por categoria as editorias do Primeiro Jornal e Jornal da Noite: sociedade, internacional, política, economia, saúde, desporto e cultura, assim como o número de vezes que essa secção foi abordada na semana em análise e a percentagem correspondente. A segunda tabela classifica os géneros jornalísticos de cada noticiário: peças/reportagens, diretos, off's, comentários e grandes reportagens e o apuramento total de géneros abordados. A terceira tabela tem por base o enquadramento teórico do presente estudo e diz respeito às fontes de informação: individual, oficial, institucional, referência, não-oficial e especializada, com o somatório de fontes ouvidas em cada semana e respetiva proporção.

Apresentação e discussão de resultados

Após o visionamento e análise do conteúdo informativo dos géneros jornalísticos inseridos nos noticiários Primeiro Jornal e Jornal da Noite, na SIC, podem, agora, ser retiradas as devidas

conclusões de um total de 776 peças jornalísticas, 64 diretos, 11 comentários de especialistas e 25 grandes reportagens, contabilizando mais de 2850 minutos de programas. Primeiramente, procede-se à avaliação das notícias lançadas na primeira semana em estudo, no Primeiro Jornal e, de seguida, no Jornal da Noite, concluindo com um balanço comparativo das abordagens dos noticiários.

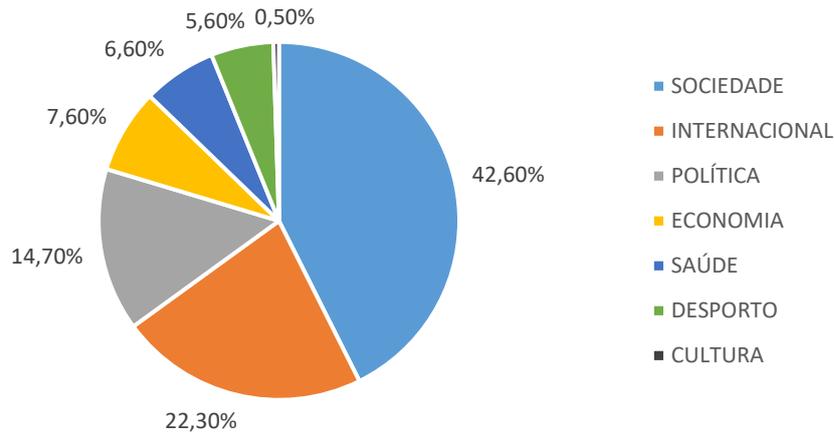
Na análise e visionamento da grelha informativa do dia 30 de junho e 28 de julho surgiram alguns constrangimentos. Apesar de o acesso à OPTO ser exclusivo para assinantes, os blocos informativos do PJ e JN não estavam exibidos na plataforma, um erro informático que atrasou o estudo. Com a ajuda da coordenadora da SIC e dos editores de imagem, a solução passou pela exportação nos noticiários e dos respetivos alinhamentos, trabalho esse que exigiu alguma deslocação e tempo despendido por parte dos colegas da redação.

O Primeiro Jornal obedece, por norma, a uma grelha informativa de 1h30 min, enquanto o Jornal da Noite é um pouco mais longo, com a duração de 1h40min. Neste seguimento, a coordenadora Catarina Folhadela defende que “Portugal é um país pequeníssimo”, o que não justifica que os jornais sejam “muito grandes”. “Para dar resposta aos jornais de longa duração tem de haver muitas notícias, mas que abordam os assuntos numa espécie de toca e foge” (Catarina Folhadela, entrevista, 29 de setembro, 2023). Maria José Mendes complementa que em Portugal não é justificável haver noticiários de longa duração, explicando que “meia hora de jornal é suficiente para atualizar os cidadãos”. A jornalista refere que:

desde o início, a SIC pautou-se por marcar a diferença na informação e é a informação que faz a diferença nesta casa. Muitas vezes, quer o PJ quer o JN têm muita mais audiência do que no resto da programação do canal. Por isso é que os coordenadores atribuem muito mais tempo à informação, na esperança de que a informação sirva para catapultar a próxima programação e, portanto, vão aumentar um espaço de um produto que rende, de modo a alavancar as audiências. (Maria José Mendes, entrevista, 29 de setembro, 2023)

Posto isso, uma das primeiras conclusões notórias a retirar da análise dos noticiários que compreendem os dias 26, 27, 28, 29 e 30 de junho de 2023 é a de que a editoria de sociedade persiste em maior proporção (42,6%) no PJ, sendo que, no JN é a secção do internacional que ocupa o maior tempo de antena (35%).

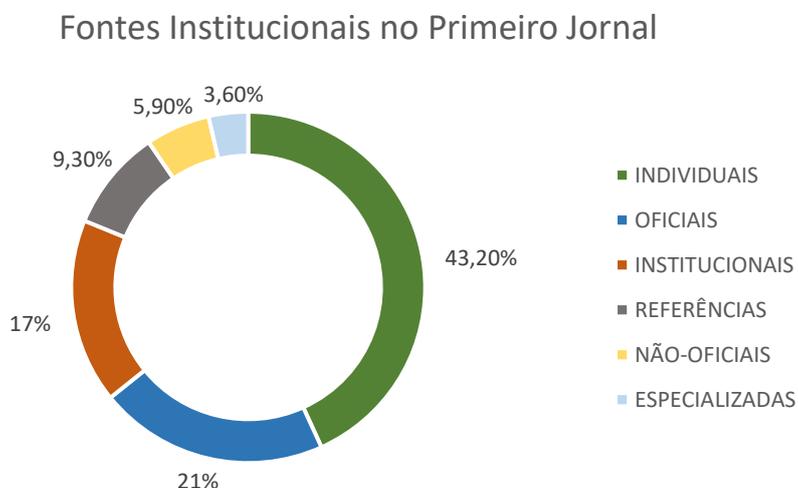
Editorias no Primeiro Jornal



Foi sobretudo uma semana que teve como abertura do Primeiro Jornal o fórum anual do Banco Central Europeu (BCE), que decorreu em Sintra, que teve como debate principal a inflação e a consequente inflação em Portugal e subida das taxas de juro. Neste campo divide-se o protagonismo entre diversas fontes oficiais – António Costa, Primeiro-Ministro de Portugal; Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República de Portugal; Christine Lagarde, Presidente do Banco Central Europeu; e Mário Centeno, Governador do Banco de Portugal. As fontes oficiais – alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado (Schmitz, 2011, p.9) – ocupam cerca de 21% do programa, semanalmente. As fontes institucionais competem com as fontes oficiais ao terem tempo de antena 17% das vezes. Nesta categoria estão inseridas entidades como a Federação Nacional dos Médicos, Ordem dos Médicos, Ordem dos Enfermeiros, Sindicato dos Farmacêuticos, Enfermeiros, Funcionários Judiciais, ou ainda a DECO.

Ainda que o protagonismo da economia e política seja mais proeminente na primeira parte do segmento informativo, seguem-se temas relacionados com a saúde, aumento dos produtos alimentares, preço dos combustíveis, greves dos farmacêuticos, enfermeiros, médicos e professores, resultante do impacto que as medidas do BCE têm no quotidiano das pessoas (sociedade) e da gestão política em Portugal. Neste contexto é dada prioridade ao comentário dos cidadãos, com um total de 167 fontes individuais a serem escutadas ao longo da semana. Aqui, volta a existir uma procura por entender as perceções da população face aos temas mais relevantes que atingem diretamente a sociedade. Nas peças analisadas, as fontes individuais -

qualquer pessoa que queira dar testemunho sobre o assunto em causa - assumem um papel vital, uma vez que são elas a dar o rumo à história/peça.



Conforme mencionado por Zúñiga e Valido (2017) e também por Lee e Choi (2009), os jornalistas consideram frequentemente a relevância atual, a proximidade com o público e o interesse humano como critérios fundamentais ao escolherem quais notícias vão cobrir. Confirma-se a ideia defendida por Costa de que “política e economia” estão “habitualmente concentradas na primeira parte do jornal” e com a cultura, “com uma representatividade traduzida em apenas 1%” (Costa, 2016, p. 32), tal como podemos observar no presente estudo. Tanto o Primeiro Jornal como o Jornal da Noite encerram com a cultura, por norma, com os lançamentos de filmes, como a Barbie e Indiana Jones, ou então com festivais que têm grande adesão a nível nacional: Summol Summer Fest.

Na segunda parte do programa tem lugar uma rubrica específica intitulada de “Prato do Dia”, que, todos os dias, dedica um espaço do programa a divulgar a gastronomia portuguesa em vários pontos do país. Logo depois, destaque para o internacional, que ocupa 22,3% da média semanal. Neste âmbito evidenciam-se os tópicos alusivos aos incêndios nos países estrangeiros, vagas de calor, cheias, ou seja, catástrofes naturais consequentes das alterações climáticas que, como Bourdieu explica:

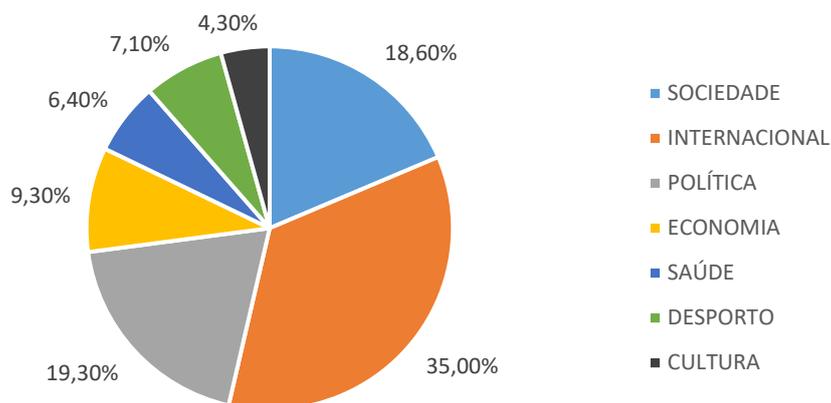
levadas pela concorrência por fatias de mercado, as televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas, dando o primeiro lugar, quando não é de

todo o lugar, às variedades e às notícias desportivas (...), ou ao aspeto mais ritualizado da vida política, sem falar das catástrofes naturais, dos acidentes, dos incêndios, em suma, de tudo o que pode suscitar um interesse de simples curiosidade (...) As notícias de variedades (...) têm como efeito produzir o vazio político, despolitizar e reduzir a vida do mundo à anedota e ao mexerico (que pode ser nacional ou planetário, com a vida das estrelas ou das famílias reais). (Bourdieu,1997, p. 73)

Neste caso em análise, é dado pouco destaque ao desporto uma vez que o estudo é feito num período que coincide com o fim do calendário da época desportiva de futebol. Paulo Vinicius Coelho (2006, p. 35) afirma que “o desporto não é sinónimo de futebol”, mas João Nuno Coelho (2001, p.36) explica que “[...] não há muitas atividades que ocupem um lugar tão central no universo do desporto e do lazer como o futebol”. Deste modo, do pouco destaque que o desporto tem, grande parte do tempo de antena é dedicado ao futebol, com a antevisão do Europeu Sub 21 Portugal-Bélgica e resumo do respetivo jogo e o mercado de transferências. Fora do futebol realça-se o regresso de Simone Biles à competição.

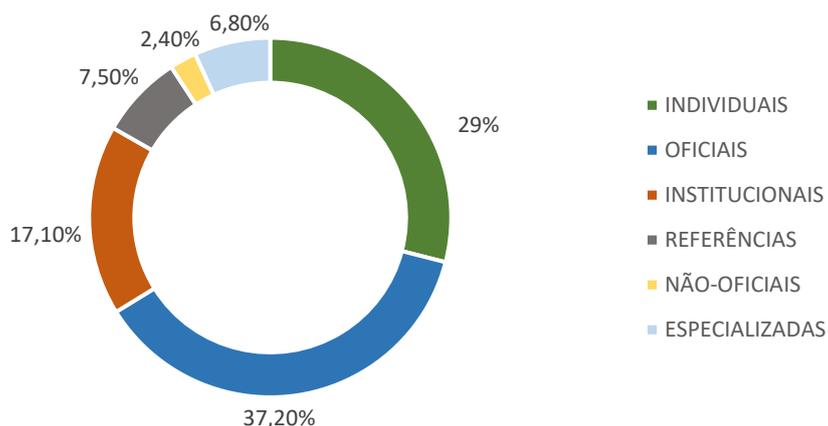
Analisando o JN, a abertura às 20h00 teve como tema principal o internacional (35%), com a atualização da Guerra na Ucrânia e os confrontos em França, na sequência da morte de um jovem às mãos da polícia francesa. “Guerra Fria” é um espaço do jornal dedicado aos comentários dos jornalistas/especialistas da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, José Milhazes e Nuno Rogeiro, que “analisam a atualidade internacional, dando destaque aos conflitos mundiais”. Este segmento ocupa cerca de 25 a 30 minutos do jornal e é transmitido duas a três vezes por semana. Desde o início do conflito na Europa, a 24 de fevereiro de 2022, que este tem sido tema central nos jornais nacionais e internacionais, certamente justificada pela proximidade geográfica dos dois países em guerra, a crise de refugiados ucranianos, e a situação socioeconómica cada vez mais complicada em que vivem os europeus, com as subidas das taxas de inflação e os juros. No que diz respeito ao próprio campo do internacional, isto acaba por resultar numa secundarização visível das demais áreas, que perdem boa parte do tempo de antena. Os diretos ocorrem com maior frequência neste horário, com o enviado especial em Zaporizhia, Ucrânia, a dar conta dos últimos acontecimentos no local.

Editorias no Jornal da Noite



Ao contrário do que acontece no Primeiro Jornal, o Jornal da Noite recorre maioritariamente às fontes oficiais (37,2%), distinguindo-se os líderes políticos e principais protagonistas da guerra, como Volodymyr Zelensky, Presidente da Ucrânia, e o Presidente russo, Vladimir Putin, ou ainda Dmitry Peskov, porta-voz do Kremlin, Valerii Zaluzhny, Comandante das Forças Armadas da Ucrânia, Joe Biden, Presidente dos Estados Unidos da América, Mateusz Morawiecki, primeiro-ministro da Polónia e Jens Stoltenberg, secretário-geral da NATO.

Fontes Institucionais no Jornal da Noite



À vista disso, o relatório da ERC 2021 coincide, em parte, com a análise feita no presente estudo ao afirmar que as “temáticas dominantes mais frequentes são a política nacional, saúde e ação social e desporto” (ERC, 2021, p.42). Segue, então, a política nacional e respetiva economia

que, de igual modo, tem grande impacto no quotidiano dos portugueses. Sociedade, isto é, a “ação social”, saúde e desporto são as editorias apresentadas posteriormente.

É nos assuntos mais rotineiros que se encontra a coesão nos dois jornais. Dentro do âmbito direcionado à sociedade, “rede de tráfico de droga”, “acórdão morte de jovem em discoteca”, “rede de tráfico humano desmantelada” ou até “família que vive na rua”, são algumas das notícias repetidas nos dois horários. O Jornal da Noite dá tempo de antena às grandes reportagens, (5 totalizadas nessa semana), acontecimento que não se verifica no Primeiro Jornal:

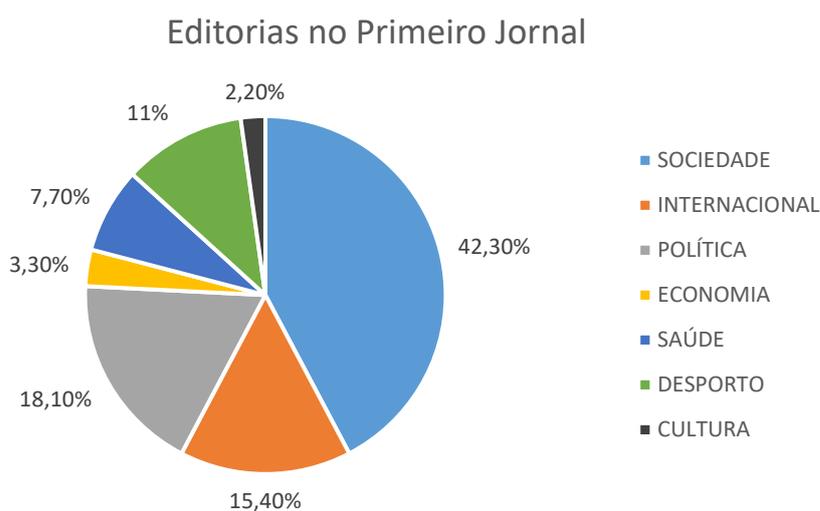
O PJ é na hora do almoço, apesar dos jornais serem muito grandes, as pessoas não têm muito tempo para ver. Estão a almoçar, veem meia dúzia de notícias, portanto, têm de ser notícias mais curtinhas para conseguirem absorver a maior quantidade de informação possível. O JN já é diferente, as pessoas estão em casa, muitas jantam a ver o noticiário, outras jantam antes. As GR e reportagens especiais vão mais para o final do jornal, numa altura em que as pessoas estão geralmente mais descansadas e já estão mais predispostas a esse tipo de reportagem. Há muito mais comentário em estúdio no Jornal da Noite do que no Primeiro Jornal e é exatamente pelo mesmo motivo: audiência e predisposição do público. (Catarina Folhadela, entrevista, 29 de setembro, 2023)

No âmbito desportivo, em ambos os jornais, é dada primazia às fontes institucionais, como por treinadores ou jogadores de clubes de futebol, ou fontes de referência, isto é “bibliografia, documento ou media que o jornalista consulta” (Schmitz, 2011, p.12). Verifica-se que uma grande porção das entrevistas emitidas com entidades dos clubes de futebol são retiradas dos canais de televisão oficiais dos clubes, salvo quando a entidade em questão é a Seleção Nacional. No caso da equipa das quinas, muitas das entrevistas são feitas pela estação pública portuguesa (RTP).

Na segunda semana em estudo, que compreende os dias de 3 a 7 de julho, as 5 emissões do Primeiro Jornal, da SIC, transmitiram um total de 152 peças jornalísticas sobre os diversos assuntos em destaque e cada um desses dias foi variando entre as *soft news* e *hard news*, diretos e comentários de convidados. Por outro lado, o Jornal da Noite, emitiu 110 peças jornalísticas, com tópicos que variaram entre as típicas *hard news*, num contexto essencialmente mais nacional, com alguns comentários de especialistas e com mais espaço na grelha de programação para as grandes reportagens - 8 no total. Esta foi uma semana marcada pela entrega do documento no Parlamento que apresenta as principais conclusões da versão preliminar da comissão parlamentar de inquérito (CPI) à gestão política da tutela da TAP, elaborada pela deputada Ana Paula Bernardo, do relatório preliminar da comissão parlamentar de inquérito (CPI) à TAP. O documento apresenta

as conclusões de três meses de trabalho, que reúne “46 audições presenciais que duraram 170 horas e dez depoimentos por escrito”¹³.

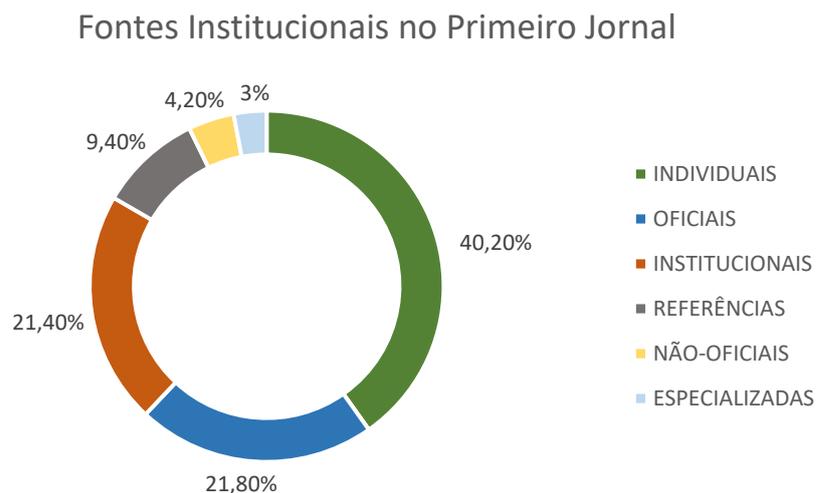
Nesta semana, o PJ encontra um ponto em comum com a semana anterior em análise: a editoria de sociedade volta a dominar o programa com um total de 77 peças. Ainda assim, revela-se aqui uma ligeira alteração, com a política a ser a segunda editoria mais abordada da semana, mas isso só se verifica a partir da tarde de terça-feira, dia 4, data em que foi divulgado o relatório da CPI à TAP. O alinhamento de segunda-feira, dia 3 de julho, foi, por isso, bastante semelhante à semana anterior, com tema de abertura a dispensa do diretor clínico no Hospital S. José pelo Ministério Público, as negociações na Saúde e a estratégia do PSD para a saúde. A Jornada Mundial da Juventude é ainda um tema que começa a ser abordado nessa semana, com questões como o alojamento para os peregrinos, plano de mobilidade, o impacto do evento e a tolerância de ponto.



As fontes individuais continuam a ter uma forte presença (40,2%) no programa, mas como explica Pérez-Curiel, “a seleção de novas fontes não institucionais e não governamentais, que se distanciam completamente do poder, não são Governo, nem oposição, e o seu reconhecimento social só é notícia quando o acontecimento está ligado a conflitos, manifestações, desastres naturais, eventos e acidentes”. “São fontes muito numerosas, associações sem fins lucrativos,

¹³ Ver em <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/leia-na-integra-o-relatorio-preliminar-da-comissao-de-inquerito-a-tap-16640690.html>

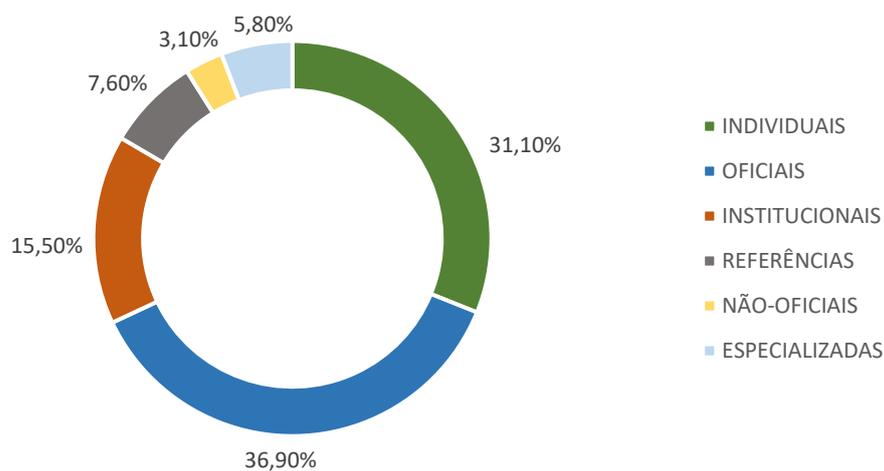
vizinhos ou cidadãos que, pela proximidade dos factos, tornam-se por um dia a cara das notícias, embora nunca consigam usurpar completamente o papel do poder [...]” (Pérez-Curiel, 2008, p. 266). Ainda no tópico das fontes, é então que surge a disputa entre as fontes oficiais e as institucionais, a lutar pelo tempo de antena, com 72 indivíduos a representar o poder público e 71 a representar instituições credíveis, empresas, sindicatos, entre outros. Isto acontece porque, como defende Pérez-Curiel (2008) a “política não existe sem comunicação”. “A intenção de cada força política, seja no poder ou na oposição, é clara: garantir que a sua mensagem tenha o efeito desejado, que não é outro senão orientar a sociedade e fazê-la participar nas suas decisões, com o objetivo de alcançar o poder ou permanecer nele” (Pérez-Curiel, 2008, p.260). Deste modo, os jornalistas tentam recolher a opinião das várias figuras políticas, contrastando, muitas vezes, com a opiniões dos sindicatos.



Ao contrário daquilo que se concluiu na primeira semana em estudo, com o JN a ter como tema central o internacional, guerra na Ucrânia e os confrontos em França, na segunda semana a editoria de política nacional (31%), dominou o alinhamento do noticiário da noite. No total, foram 328 as fontes a ser escutadas pela SIC à noite, das quais 121 são oficiais, 10 são não-oficiais, 25 referências, 51 são institucionais, 19 são especializadas e 102 são individuais. O número expressivo de fontes individuais justifica-se pela constante procura do canal por comentários breves e diversificados da parte de cidadãos comuns. Com elas, pretende-se enriquecer a vertente humana e narrativa das peças, ao passo que o comentário científico e “técnico” mais profundo e

fundamentado é preferencialmente deixado para o poder público, para os representantes de instituições e associações, ou para os especialistas que, neste caso, tiveram uma grande margem para se expressarem, dado o assunto em especial debate naquela semana - relatório da CPI à TAP.

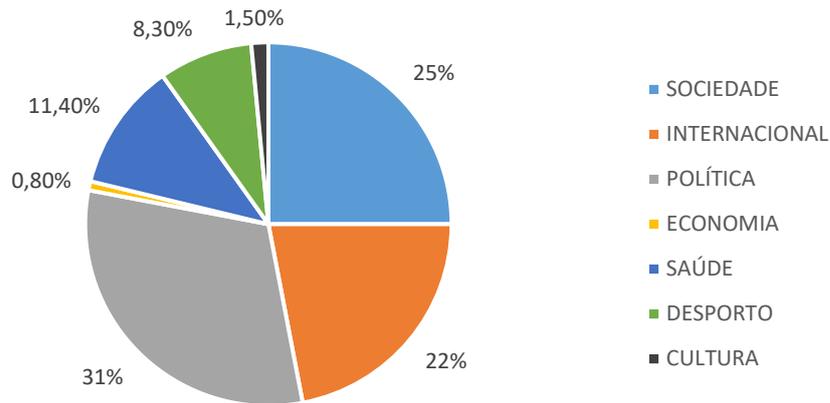
Fontes Institucionais no Jornal da Noite



O Jornal da Noite dá lugar a uma rubrica específica, “Polígrafo SIC”, apresentada pelo jornalista e diretor-adjunto de informação, Bernardo Ferrão, que, todas as segundas-feiras dedica um espaço do programa a analisar notícias, vídeos, publicações que são proliferadas nas redes sociais. Neste programa é feito um trabalho de investigação que dá resposta às informações que surgem no digital, apurando toda a verdade dos factos, tendo como principal objetivo expor e alertar para a desinformação.

Esta é mais uma semana em que a cultura é deixada para segundo plano, com o Primeiro Jornal a emitir apenas quatro peças jornalísticas: “concurso de arte e coesão territorial”, que tem como objetivo incentivar a produção artística em zonas de baixa densidade de criação de cultura; festival NOS ALIVE; um projeto de arte na rua e o Jornal da Noite a emitir duas peças com “Missão Impossível – Ajuste de Contas” e a preparação para o festival “Super Bock Super Rock”.

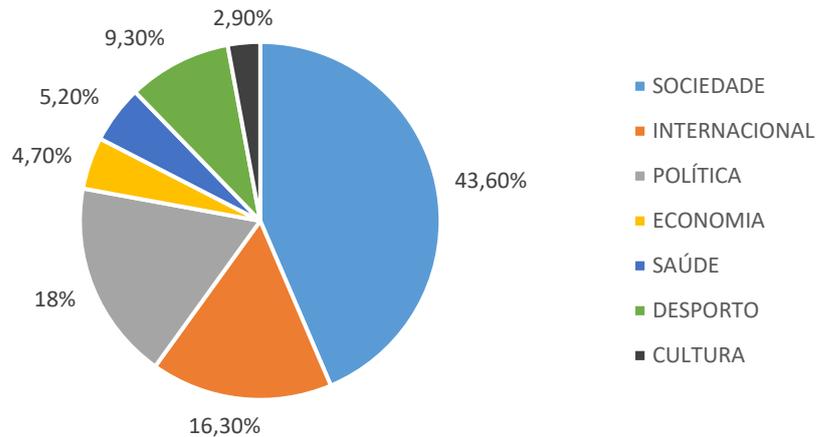
Editorias no Jornal da Noite



A terceira e última semana em análise – 24, 25, 26, 27 e 28 de julho - diz respeito à data das eleições legislativas em Espanha, que se realizou no dia 23 de julho do presente ano, e terminou com um impasse político, com o Partido Popular a somar o maior número de votos, mas sem uma maioria absoluta. O intervalo em estudo coincide ainda com os preparativos finais para o grande evento religioso que recebeu o Papa Francisco em Lisboa e Fátima, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), e acolheu pessoas de todos os países do mundo, exceto das Maldivas. Desde o início do ano que este foi um evento que esteve envolto em polémicas, devido ao custo da construção do altar-palco que teve lugar no Parque Tejo. Foi, portanto, uma cerimónia que decorreu de 1 a 6 de agosto de 2023, mas que, mesmo antes de acontecer, gerou controvérsia, com a comunicação social a acompanhar todos os passos e desenvolvimentos das obras, até estas estarem concluídas.

Como se pode verificar através da tabela, tanto no Primeiro Jornal como no Jornal da Noite, as editorias que dominaram o alinhamento dos programas foram a sociedade, internacional e política, respetivamente.

Editorias no Primeiro Jornal



No dia 24, o tema central do jornal foi marcado pelas eleições espanholas, com três jornalistas correspondentes em Madrid a fazerem diretos logo nos primeiros minutos do jornal. O programa fez um total de 7 diretos, algo que não acontece com regularidade - eleições em Espanha; medidas de coação da Operação Picoas; forças de segurança em protesto e incêndios na Grécia. Quando questionados, os jornalistas afirmam que os critérios para fazer um direto tem mudado ao longo dos anos, sobretudo com o aparecimento dos canais de informação 24 horas.

Agora são mais os serviços que têm meio de direto do que os que não têm e tudo pode ser notícia. Não tem nada a ver a filosofia do direto de hoje, com a do direto de há 20 anos, nem com a filosofia do direto dos livros da faculdade. Isso tem muito a ver com os meios técnicos, antes havia poucos meios de diretos, carros de exteriores, e agora temos LiveU's, Teradeks e, por isso, às vezes levamos esse material sem saber o que vai acontecer, só para o caso de aquilo dar em alguma coisa. (Maria José Mendes, entrevista, 29 de setembro, 2023)

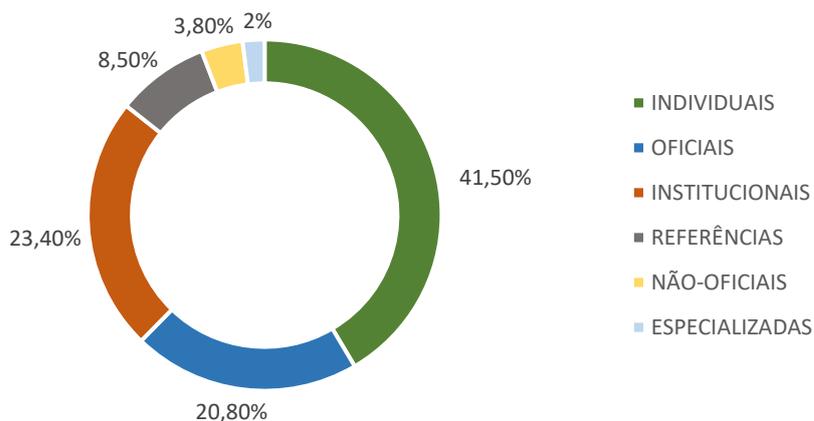
Apesar de haver uma maior disponibilidade no acesso aos recursos para fazer direto, nos noticiários da SIC continua a existir um “maior cuidado nos temas com os quais se fazem diretos tentando perceber o tema do dia e se é justificável” (Ana Luísa Barroso, entrevista, 29 de setembro, 2023). Ainda assim, para a coordenadora adjunta da redação do Porto, há casos em que os diretos são “dispensáveis”.

Na teoria, os critérios de um direto são a atualidade, o facto de estar determinado evento verdadeiramente a acontecer, ser importante e ter peso informativo para o país ou para determinada região. Neste momento, não é isso que acontece. Nós temos diretos só mesmo para pontuar um assunto do dia a dia. Por exemplo, as buscas nos estádios de

futebol. 90% das vezes, os jornalistas não conseguem ver absolutamente nada do que se está a passar, nem ver os inspetores da Polícia Judiciária a entrar e a sair, não se consegue ver coisa nenhuma. [...] Nem sempre concordo com esse tipo de direto, porque o pivot provavelmente consegue dar essa informação. (Catarina Folhadela, entrevista, 29 de setembro, 2023)

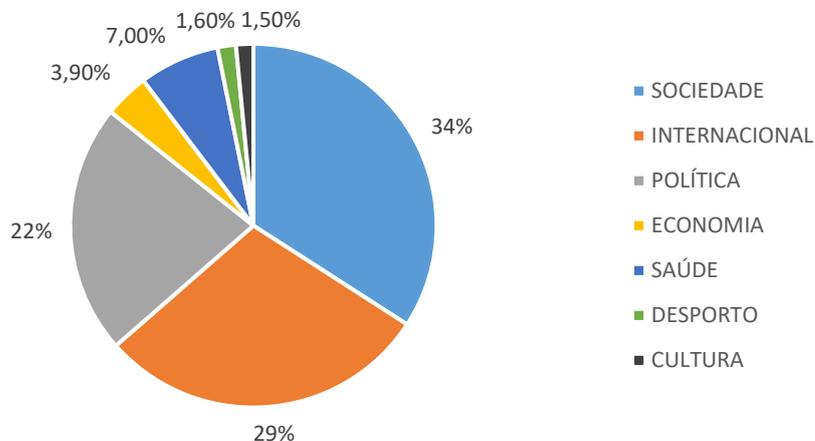
No segundo dia, dia 26, foi dado destaque ao incêndio em Cascais, com dois repórteres no terreno a fazerem dois diretos no princípio do programa e outros dois após o intervalo. Esta foi uma semana bastante irregular no que diz respeito aos tópicos que marcaram a atualidade, havendo sempre temáticas diferentes em cima da mesa, como a subida das taxas de juro, diploma sobre a carreira dos professores alterado ou o encerramento do serviço de neonatologia do Hospital de Santa Maria devido a uma bactéria multirresistente. As restantes peças jornalísticas baseiam-se em assuntos do dia a dia (sociedade) como greve dos trabalhadores em lares, greve dos médicos, forças de segurança em protesto, ou casos pontuais, como “jovem encontrado num poço em Vila Real”, “bandeira verde volta a ser hasteada em Quarteira e Vale do Lobo”, ou então, situações relacionadas com a justiça, como a Operação Picoas, que envolveu o cofundador do grupo Altice; caso do navio Mondego ou pensão de Manuel Pinho arrestada. Na segunda parte do programa, a JMJ foi um assunto abordado com bastante regularidade ao longo de toda a semana e, conseqüentemente, as fontes individuais acabaram por liderar (41,5%). As restantes fontes de informação seguem o mesmo posicionamento das semanas anteriores, com exceção das fontes institucionais que tiveram um ligeiro crescimento com a aproximação da Jornada Mundial da Juventude, que deu voz a diversos membros da Igreja Católica e da organização da JMJ.

Fontes Institucionais no Primeiro Jornal



Em contrapartida, no Jornal da Noite a sociedade e o internacional competem pela mesma posição. No entanto, as notícias de sociedade acabam por ganhar com um maior número de notícias (33,6%), ficando o internacional em segunda posição (28,9%). Surge em terceira posição a política (21,9%) e de seguida, saúde (7%), economia (3,9%) e cultura (3,1%) e por último o desporto (1,6%).

Editorias no Jornal da Noite



Assim como no PJ houve diferentes tópicos a marcar a atualidade, também no JN se verificou algo semelhante. Posto isso, ao contrário do que seria de esperar, no dia 24 de julho, as legislativas em Espanha ficaram para segundo plano e o Jornal da Noite abriu com a Operação Picoas, em que o Ministério Público pediu a maior caução de sempre em Portugal como medida de coação. Neste caso, foi dada prioridade à justiça em Portugal e, posteriormente, destaque para

a política espanhola. Já no dia 25, foi dada visibilidade ao incêndio que deflagrou em Cascais, com dois diretos no início do programa e outros dois após o intervalo, semelhante ao que aconteceu no PJ do dia 26. Nesse mesmo dia, são noticiados dois acontecimentos que só a o canal de televisão SIC poderia emitir, como a XXVII Gala dos Globos de Ouro e a homenagem a Francisco Balsemão, mas que pouca relevância informativa tem para a sociedade. O primeiro refere-se à atribuição de troféus a profissionais de várias áreas, que acontece anualmente, e é organizado e transmitido pela SIC, podendo-se mesmo considerar um programa de entretenimento, que tem como principal objetivo dar visibilidade à estação de televisão; o segundo refere-se ao presidente do Conselho de Administração da SIC, fundador e presidente do Grupo Impresa, Francisco Pinto Balsemão. Este género de notícia ocorre com bastante frequência em canais privados, que têm como estratégia divulgar e promover aquilo que o canal tem para oferecer na grelha da estação, quer seja no âmbito da informação, quer seja no do entretenimento, e que acaba por ter pouco interesse do ponto de vista jornalístico.

Comparativamente, ao longo da semana o noticiário da noite fez menos de metade dos diretos (total de 8) do que o noticiário da tarde, o que dá mais espaço ao Jornal da Noite para outros formatos jornalísticos como os comentários de especialistas e as grandes reportagens entre elas, “Grande Reportagem”, “Comboios pelo Mundo”, “Portugal na Esplanada” ou “O meu escritório”. Todas elas carecem de mais tempo, mais recursos e mais investigação, uma vez que aprofunda os temas, necessitando, por conseguinte, de mais informação e detalhe:

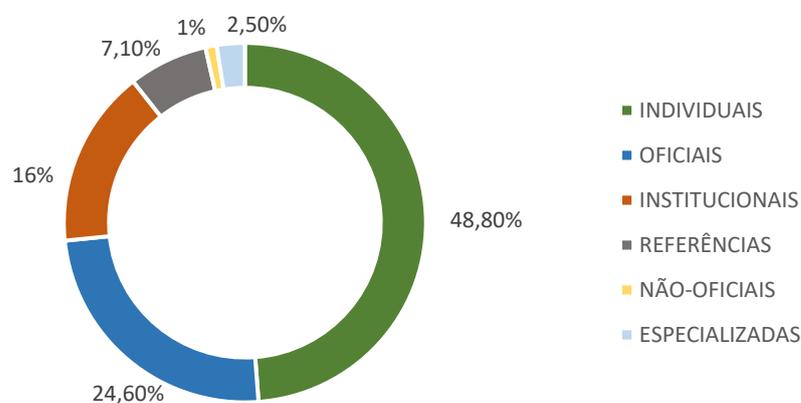
A reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente fruto de uma observação cuidadosa. Uma observação cuidadosa de um facto histórico pode se constituir história e uma observação cuidadosa de um facto não histórico é tipicamente uma reportagem. (Abramo, 2002, p. 110)

Algumas das reportagens que a SIC transmite são realizadas pela Sky News, canal parceiro da estação de televisão portuguesa. Catarina Folhadela esclarece que a parceria “sempre existiu”, mas apenas recorriam a reportagens do canal britânico, e vice-versa, “em situações esporádicas, ou assuntos muito importantes”. Nessa medida, a guerra na Ucrânia foi um “marco”, uma vez que “era preciso fazer frente à CNN”. “A CNN Portugal consegue ir buscar material a todas as outras CNN’s e nós nunca conseguiríamos fazer isso devido aos recursos que temos.

Além do mais, a operação na Ucrânia ficou caríssima” (Catarina Folhadela, entrevista, 29 de setembro, 2023).

No total, foram escutadas 281 fontes, das quais quase metade foram individuais (48,8%), maior percentagem de sempre nas três semanas em análise e algo pouco usual no Jornal da Noite. Uma vez que esta foi a semana que contabilizou um maior número de grandes reportagens, estes números – 137 fontes individuais - podem ser justificados pela quantidade de fontes ouvidas nas reportagens de maior duração. As restantes fontes de informação dividem-se entre 69 oficiais, 45 institucionais, 20 referenciais, 7 especializadas e 3 não-oficiais.

Fontes Institucionais no Jornal da Noite



Sendo esta uma semana marcada pelas eleições em Espanha, conclui-se que estas tiveram impacto em Portugal, ainda assim, apenas foram tema nos primeiros dois dias da semana, voltando a atenção para temas mais nacionais como os incêndios, casos relacionados com a justiça e carreira dos professores.

NOTAS CONCLUSIVAS:

Neste trabalho empírico foram escutadas um total de 1962 fontes nos 15 dias de programa do PJ e JN. Importa ressaltar que a soma das editorias abordadas não coincide com o somatório final dos géneros jornalísticos, já que um género jornalístico pode abranger mais do que uma editoria (ex. política internacional ou política e economia).

Uma das conclusões deste estudo é o espaço marginal que é dedicado a temas de cultura que, desde logo, é deixada para segundo plano, ou até mesmo colocada de lado nos dois

noticiários. Com a ausência desta secção, encontra-se um ponto comum em todas as semanas de noticiários visualizadas, constatando-se que há dias em que esta temática não é abordada uma única vez e, certamente, não é por falta de agenda cultural no país. Assim, fazendo uma contabilização total no número de peças jornalísticas sobre temas de cultura, verifica-se que em 15 dias de noticiário, o Primeiro Jornal transmitiu 10 peças e o Jornal da Noite 12. O fim do programa “O Cartaz”, na SIC Notícias, é apontado pelas jornalistas como uma das causas que levou ao desaparecimento da cultura nos blocos informativos da SIC. Ana Luísa Barroso explica que “o programa permitia, ao PJ e ao JN, ir buscar muitas peças de cultura e os jornalistas acabavam por aproveitar esse trabalho”:

“O Cartaz” fazia reportagens no Porto, em Viseu, em Vila Real e acabava por ter de fazer mais reportagens, alargando o leque geográfico das reportagens, porque sabíamos que tínhamos aquele produto que tínhamos de alimentar. Os coordenadores dos jornais ao perceber que tinham aquele produto feito acabavam por utilizá-lo mais. Agora temos o “Todas as Artes”, mas não teve grandes consequências no reaparecimento da cultura nos noticiários. (Ana Luísa Barroso, entrevista, 29 de setembro, 2023)

Catarina Folhadela considera que a cultura “já teve um espaço diferente na SIC”, recordando que a redação do Porto chegou a ter uma jornalista dedicada “exclusivamente à cultura”. Não obstante, todas as jornalistas reconhecem que a cultura “é a primeira a cair quando surge uma notícia com maior carácter informativo”:

Eu só consigo marcar cultura se o resto me deixar espaço para isso. Foi algo que aconteceu com bastante normalidade, também devido à pandemia da covid-19. Agora estamos a tentar retomar isso, mas continua a ser muito difícil. Além disso, o espaço que há agora para a cultura é mais de massas. Conseguimos “vender” mais facilmente os festivais de verão à grelha do PJ e do JN, assim como estreias de filmes, ou concertos de grandes bandas pop, mas é muito difícil haver espaço para a cultura das peças de teatro, concertos de artistas menos reconhecidos ou até exposições. Só ao fim de semana é que vamos tendo espaço no noticiário para isso, à semana não. (Catarina Folhadela, 29 de setembro, 2023)

Como explicado anteriormente, as três semanas em análise não foram escolhidas ao acaso, dado que era importante perceber o funcionamento do alinhamento dos noticiários em semanas com uma agenda mediática mais e menos preenchida. Assim, é possível assegurar que houve um modo diferente em produzir informação nos dois noticiários, assim como essa mesma produção de informação difere ligeiramente de semana para semana, tendo em consideração a atualidade e aquilo que era considerado notícia no próprio dia.

O Primeiro Jornal da semana de 26 a 30 de junho demarcou-se com as novas medidas do Banco Central Europeu e com as sucessivas greves no setor da saúde e da educação, no entanto, o Jornal da Noite, dessa mesma semana, focou-se, maioritariamente, no internacional com guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Deste jeito, constata-se que uma média de 43,2% de fontes individuais foram escutadas no jornal das 13h00, ao passo que as fontes oficiais dirigiram o segmento informativo da noite com 37,2%. Mais uma vez, na semana de 3 a 7 de julho, a “editoria de sociedade volta a dominar o programa com um total de 77 peças” no PJ, seguindo-se a política, com destaque para o relatório da CPI à TAP. Ao contrário do que aconteceu na semana anterior, à noite, o noticiário voltou-se para a política nacional. A jornalista Maria José Mendes evidencia a proximidade como “um dos fatores para a seleção das notícias que se fazem”. Os jornais avançam com “aquilo que acham que é mais importante e não havendo nada em Portugal, é provável que se olhe mais para fora, que em termos internacionais tenha mais importância”. Ainda assim, o alinhamento dos jornais depende muito de coordenador para coordenador:

As pessoas pensam de forma diferente e são diferentes avaliações dos coordenadores. O que eu julgo que tem mais importância e que as pessoas vão querer ver é uma coisa, mas se calhar para outro jornalista é outra. A objetividade é muito bonita, mas não existe ao rigor. (Maria José Mendes, entrevista, 29 de setembro, 2023)

Na última semana de pesquisa – de 24 a 28 de julho - conclui-se que no PJ houve temas diferentes a serem abordados todos os dias, algo que não aconteceu nas semanas anteriores. A Jornada Mundial da Juventude teve, como esperado, um peso considerável no alinhamento tanto do Primeiro Jornal como do Jornal da Noite. Já as eleições em Espanha foram tema nos primeiros dois dias da semana, mas depois voltou-se a abordar temáticas de cariz nacional, como incêndios, greves, corrupção, saúde e subida das taxas de juro. Também no Jornal da Noite houve uma maior variedade de assuntos a serem falados, tal como aconteceu no PJ, havendo praticamente uma divisão razoavelmente equitativa entre a sociedade, internacional e política, com 43, 37 e 28 notícias de cada editoria, respetivamente.

De um modo geral, a editoria de desporto é, à semelhança da cultura, deixada para trás, mas neste caso existe uma explicação para isso. Como Daniela Monteiro concluiu, “a imprensa desportiva dá primazia o futebol e deixa pouco espaço para as outras modalidades. [...] Os leitores preferem o futebol às restantes modalidades e os jornais procuram bons resultados nas vendas,

daí que a opção mais prudente, seja oferecer aos leitores aquilo que eles procuram” (Monteiro, 2020, p.49). Deste modo, sendo o futebol considerado pelos académicos como o desporto-rei em Portugal, percebe-se que como o calendário da época 2022/2023 das equipas principais terminou a 11 de junho de 2023, as notícias transmitidas são, de um modo geral, sobre o mercado de transferência e preparação para o Mundial Feminino de futebol. Nas três semanas em observação a única notícia fora do mundo do Futebol foi o regresso da ginasta profissional, Simone Biles, à competição.

A não ser que o Fernando Pimenta ganhe medalhas na canoagem, não se fala de canoagem o ano inteiro. Os coordenadores dos jornais dizem que é uma questão de mercado e de público, que os portugueses estão mais virados para o futebol e não ligam às outras modalidades. Nós não podemos só dar aquilo que as pessoas querem ver, mesmo sendo uma televisão privada. Eu acho que temos uma certa obrigação de serviço público, ou seja, devíamos ter a obrigação de dar algo mais, porque se as pessoas nunca viram, também nunca vão ter interesse em ver. (Catarina Folhadela, entrevista, 29 de setembro, 2023)

Segundo os critérios de relevância jornalística, e conforme foi verificado através do enquadramento teórico e, posteriormente, na análise de resultados, os jornalistas tendem a dar maior importância às fontes individuais quando se trata da noticiabilidade de um evento do quotidiano, em oposição às fontes institucionais e oficiais, que são avaliadas com base na sua posição, autoridade e credibilidade. Por outras palavras, os jornalistas tendem a considerar as declarações do bastonário da Ordem dos Médicos ou o Primeiro-ministro mais confiáveis do que as de um cidadão comum. Há, portanto, uma inclinação para que a sua cobertura noticiosa seja influenciada pelas fontes de maior credibilidade, como argumentado por muitos dos autores mencionados neste estudo.

Constatou-se ainda que, uma vez que o PJ apresenta um maior número de notícias ligadas à sociedade, evidentemente, o número de fontes individuais escutadas acaba por ser superior às restantes fontes, com uma média de 147 indivíduos comuns ouvidos por noticiário. No caso do Jornal da Noite, nas duas primeiras semanas as fontes oficiais dirigiram o jornal com 37,2% e 36,9%, mas na última semana, as fontes individuais foram as mais ouvidas, justificado pelo número de grandes reportagens que foram transmitidas à noite e pela aproximação do grande evento católico, a Jornada Mundial da Juventude. De igual modo, a coordenadora adjunta considera que “as diferenças nos noticiários são brutais”. Afirma que a redação do Porto tem

“muito mais peso no PJ do que no JN”, o que também se reflete no número de jornalistas que tem a trabalhar para os diferentes jornais. “Olhando para o PJ até como telespectadora, o PJ tem muito mais espaço não só para o Porto e para a região norte, mas para aquilo que não é Lisboa, quando comparado com o JN” (Catarina Folhadela, entrevista, 29 de setembro, 2023).

Tem tudo a ver com o tipo de telespectador do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite. O PJ é um noticiário muito mais local/ regional do que o JN. Embora o JN aproveite algumas notícias do JN, o noticiário da noite aproveita aquelas que têm um âmbito mais nacional. [...] O JN pode aproveitar algum do trabalho do PJ e o facto de ter rúbricas de informação, as reportagens especiais e as GR, são uma forma de aliviar o trabalho da equipa que está à noite. Se o coordenador do jornal sabe que tem uma grande reportagem de meia hora, não precisa de se preocupar com essa meia hora. Esse intervalo de tempo abarca muitas peças, logo fica com menos essa preocupação. Por outro lado, poderá implicar a existência de mais investigação, com as próprias notícias. O PJ e o JN exigem trabalhos diferentes, mas cada um à sua maneira. (Ana Luísa Barroso, entrevista, 29 de setembro, 2023)

De um modo geral, o alinhamento do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite diferem bastante. À tarde, a direção está apontada exclusivamente para peças/reportagens, com um minuto e meio/ dois de duração, e alguns off´s, enquanto à noite existe mais abertura para outros géneros jornalísticos, em particular, para a grande reportagem e comentários de especialistas. O tempo destas reportagens mais longas varia, regularmente, entre os 20 e os 25 minutos, ocupando uma grande parcela do noticiário, assim como o espaço de comentário “Guerra Fria” dos jornalistas José Milhazes e Nuno Rogeiro que, do mesmo modo, ocupa cerca de 25 minutos do jornal.

A guerra tem uma audiência muito fiel quando é comentada pelo José Milhazes. Apesar de ser longe, a guerra tem consequências diretas na vida dos portugueses e acaba por ter interesse para as pessoas. (Maria José Mendes, entrevista, 29 de setembro, 2023)

À exceção do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, Maria José Mendes esclarece que a SIC “não tem uma grande percentagem de internacional” e que por esse mesmo motivo, “poderiam arriscar mais nesse campo”. Mais do que diversificar nos géneros jornalísticos dos noticiários, a jornalista acredita que devia haver uma maior aposta nos temas.

Não devemos tomar por dado adquirido que as pessoas não se interessam por determinados tópicos, ou que são aborrecidos. Assuntos como o ambiente, a ciência e o mar têm audiência e quando vão para o ar têm bons resultados, mas existe alguma resistência por parte dos órgãos de comunicação social em achar que não tem interesse. Nós devemos oferecer a maior diversidade possível porque pode não ter interesse para

toda a gente, mas pode ter para algumas pessoas. É possível tornar qualquer reportagem em algo atrativo, dá é mais trabalho, há truques e estratégias que às vezes são vencedoras, criando pontos de interesse e, de igual forma, passar a mensagem. (Maria José Mendes, entrevista, 29 de setembro, 2023)

Relativamente aos diretos com um jornalista e repórter de imagem no local onde está a acontecer a própria notícia, contabilizam-se mais diretos no PJ do que no JN, nas duas últimas semanas em estudo. Na primeira semana os dois noticiários registaram números de diretos semelhantes, com mais diretos do estrangeiro, uma vez que não houve nenhuma notícia com grande peso mediático em Portugal. Contudo a segunda e terceira semana foram marcadas por notícias com maior relevância a nível nacional e regional, daí haver uma maior frequência de diretos no Primeiro Jornal. Resumidamente, os resultados da análise corroboram o que foi mencionado na revisão da literatura.

Reflexão final

Dado o papel indispensável da produção de informação no mundo televisivo, este estudo visou demonstrar as diferenças substanciais nas temáticas abordadas nos dois principais noticiários da SIC – o Primeiro Jornal e Jornal da Noite - de modo a compreender a produção informativa de cada programa e a rotina da mesma.

A pergunta de partida, que procurava abordar todas as questões consideradas pertinentes para o tópico, interrogava “em que medida é a produção informativa do noticiário Primeiro Jornal diferente do Jornal da Noite da SIC”. Posto isso, este estudo evidenciou, de maneira inequívoca, que o Primeiro Jornal é executado sob maior pressão, dando destaque a reportagens relacionadas com a sociedade em comparação com as outras seções, conferindo-lhe assim uma posição de destaque nas notícias da tarde. Por outro lado, no Jornal da Noite existe um predomínio nas notícias relacionadas com política nacional e conflitos internacionais, com um maior rigor informativo e tempo para trabalhar a informação, com espaço para o comentário e grandes reportagens. As dissemelhanças apontadas são fruto dos recursos humanos que as redações de Lisboa e Porto disponibilizam e das diferentes audiências nos dois horários, sendo que é à noite que existe uma maior atenção por parte dos espectadores.

Assim, a credibilidade e qualidade no conteúdo informativo que a SIC oferece distingue-se dos demais e, é por isso mesmo que ocupa uma parcela tão grande na grelha do canal, servindo

como uma forma de catapultar o programa que se segue ao noticiário. Não obstante, os jornalistas defendem que 30 minutos de noticiário é suficiente para informar e atualizar os portugueses sobre as principais notícias do dia e hora e meia de noticiário acaba por causar vários constrangimentos no exercício das suas funções. Os recursos humanos nas redações são escassos, mas têm de dar resposta à máquina de informação que trabalha 24 horas por dia, refletindo numa maior pressão na redação para fazer as reportagens num curto espaço de tempo, com pouca margem para pensarem verdadeiramente no tema que têm em mãos. A qualidade informativa acaba por se perder, uma vez que os jornalistas têm objetivos a cumprir, com pouco espaço para errar ou refazer o trabalho.

De facto, os resultados estão em conformidade com o que foi mencionado na análise da literatura. A verdade é que as diferentes formas de trabalhar para o Primeiro Jornal e para o Jornal da Noite refletem a qualidade informativa dos mesmos, obrigando a repensar o modo como é feito o jornalismo.

Perante isto, o presente relatório de estágio encontra-se, de certo modo, restrito em relação aos tópicos a serem discutidos, portanto, não abarca de maneira exaustiva as questões que merecem ser exploradas nos estudos da produção informativa e alinhamentos, existindo mais órgãos de comunicação que podem ser analisados e retirar as devidas conclusões. Mais estudos poderão ser feitos, analisando outros noticiários de canais de televisão privada e pública, num período mais extenso, ou ainda fazendo uma análise comparativa entre o modo como é tratada a informação nas diferentes estações televisivas, averiguando as características de cada jornal.

Referências bibliográficas

A mensagem do Presidente da república nos 135 anos do JN (2023, 2 de junho). *Jornal de Notícias*. Retirado de <https://www.jn.pt/nacional/videos/a-mensagem-do-presidente-da-republica-nos-135-anos-do-jn-16457706.html/>

Abramo, C. (2002). *A Regra do Jogo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Agnez, L. F. (2011). A Convergência Digital na Produção da Notícia. Reconfiguração na rotina produtiva dos jornais Tribuna do Norte e Extra. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Álvares, M. (2021). Introdução à investigação quantitativa e análise SPSS

Aparecimento da sic há 20 anos “foi uma pedrada no charco” – especialistas (2012, 06 de outubro). *RTP*. Retirado de https://www.rtp.pt/noticias/economia/aparecimento-da-sic-ha-20-anos-foi-uma-pedrada-no-charco-especialistas_n592935

Aparecimento da SIC há 20 anos foi “uma pedrada no charco” – especialistas (2012, 6 de outubro). *RTP*. Retirado de https://www.rtp.pt/noticias/economia/aparecimento-da-sic-ha-20-anos-foi-uma-pedrada-no-charco-especialistas_n592935

Borges, F. V. (2019). Os clubes de futebol e novas formas de produzir a informação desportiva. *Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (8), 119-133. https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_8

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta.

Bowman, S., & Willis, C. (2003). We media: How audiences are shaping the future of news and information. The Media Center at the American Press Institute.

Brandão, N. (2006). Prime Time: Do que falam as notícias dos telejornais: Casa das Letras

Britto, D. F. (2003). O papel do correspondente internacional na editoria exterior. *Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho*.

Broersma M., den Herder, B. & Schohaus, B. (2013). A Question of Power. *Journalism Practice*, 7 (4), 388-395. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.802474>

Burlacu, S. (2017). *O Mundo nas notícias: Comparação das notícias publicadas na secção Mundo na versão impressa e no online do Jornal de Notícias*. Relatório de Estágio, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/51530>

Canavilhas, J., & Satuf, I. (2013). Jornalismo em transição do papel para o tablet... ao final da tarde. In A. Fidalgo & J. Canavilhas (Eds.), *Comunicação digital: 10 anos de investigação* (pp. 35-60). Coimbra, Portugal: MinervaCoimbra. (ver melhor esta citação)

Chaparro, M.C. (2009). Iniciação a uma Teoria das Fontes: Tipificação das Fontes. [Post de Blogue]. Retirado de <http://oxisdaquestao.provisorio.ws/artigos/iniciacaoouma-teoria-das-fontes/>

Coelho, A. C. F. (2013). A participação do cidadão na informação da TVI. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/29269>

Coelho, J. N. (2001). *Portugal a equipa de todos nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento.

Coelho, P. (2006). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.

Correia, F. (1997). *Os Jornalistas e as notícias*. Lisboa: Editorial Caminho.

Costa, R. G. V. (2016). *O jornalismo televisivo e a relação com os telespectadores: o lugar do cidadão no Primeiro Jornal da SIC*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10362/18271>

Coutinho, C. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina

Coutinho, C. P. (2004). Quantitativo versus qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação. *A avaliação de competências. Reconhecimento e validação das aprendizagens adquiridas pela experiência*, 436-448. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/6469>

Crato, N. (1986). *Comunicação Social - A Imprensa* (2ª edição). Lisboa: Presença.

Deuze, M. (2005). What Is Journalism? Professional Identity and Ideology of Journalists Reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-464. <https://doi.org/10.1177/1464884905056815>

ERC. (2022). *Relatório de regulação 2021*, Lisboa.

Esser, F. & Hanitzsch T. (2012). *On the Why and How of Comparative Inquiry in Communication Studies*. London: Routledge.

Ferrari, P. (2004). *Jornalismo Digital*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.

Fidalgo, J. (2003). De que é que se fala quando se fala em Serviço Público de Televisão? Braga: Campo das Letras. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/7363>

Francisco Pinto Balsemão: “se pudesse voltar atrás, não teria a mesma opinião” (2012, 4 de outubro). *Diário de Notícias*. Retirado de <https://www.dn.pt/revistas/ntv/francisco-pinto-balsemao-se-pudesse-voltar-atrasnao-teria-a-mesma-opiniao-2810653.html>

Francisco Pinto Balsemão: “Se pudesse voltar atrás, não teria a mesma opinião” (2012, 4 de outubro). *Diário de Notícias*. Retirado de <https://www.dn.pt/revistas/ntv/francisco-pinto-balsemao-se-pudesse-voltar-atrasnao-teria-a-mesma-opiniao-2810653.html>

Gama, R. D. L. (2012). *O financiamento do serviço público de televisão em Portugal: uma revisão de literatura*. Tese de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.14/9279>

Gans, H. (1979). *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Evanston: Northwestern University Press.

Golding, P., & Elliott, P. (1979). *Making the news*. Londres: Longman.

Gradim, A. (2000). *Manual do Jornalismo: Livro de Estilo do Urbi et Orbi. Estudo em Comunicação*. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>

Jenkins, H. (2006). *Cultura de convergência*. São Paulo: Aleph.

Jornalistas alertam: crise na comunicação social pode refletir-se na democracia (18 de outubro, 2012) TSF. Retirado de <https://www.tsf.pt/portugal/jornalistas-alertam-crise-na-comunicacao-social-pode-refletir-se-na-democracia-2836421.html>

Lage, N. (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.

Lee, J., & Choi, Y. (2009). News values of sports events: An application of a newsworthiness model on the World Cup coverage of US and Korean media. *Asian Journal of Communication*, 19(3), 302-318. <https://doi.org/10.1080/01292980903039012>

Leia na íntegra o relatório preliminar da comissão de inquérito à TAP (2023, 5 de julho). *TSF*. Retirado de <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/leia-na-integra-o-relatorio-preliminar-da-comissao-de-inquerito-a-tap-16640690.html>

Lima, M. A. A. (2009). Cidadão ou consumidor? Estratégias para a qualidade do jornalismo e da vida pública.

Lopes, F. & Loureiro, L. M. (2011). Quando as elites da capital dominam o que se diz sobre o país e o mundo. In F. Lopes (Org.), *A TV dos Jornalistas* (pp. 43-57). Braga: CECS. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/65149>

Lopes, F. (2016). Uma proposta de um modelo taxonómico para a classificação de fontes de informação. *Observatorio (OBS*) Journal*, 10(4), 180-191. <https://doi.org/10.15847/obsOBS1042016951>

Lopes, F., Ruão, T. & Marinho S. (2010). Gripe A na Imprensa Portuguesa: uma doença em notícia através de uma organizada estratégia de comunicação. *Observatorio (OBS*) Journal*, 4 (4), 139-156.

Lopes, P. (2010). Géneros literários e géneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos. BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-generos-lopes.pdf>

- Madeira, P. M. (2005, 3 de julho). Canais privados e públicos têm as mesmas obrigações. *Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/2005/07/03/jornal/canais-privados-e-publicos-tem-as-mesmas-obrigacoes-28538>
- Marinho, S. (2000). O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação. *Comunicação E Sociedade*, 2, 351-356.
[https://doi.org/10.17231/comsoc.2\(2000\).1406](https://doi.org/10.17231/comsoc.2(2000).1406)
- Mazzarino, J. (2007). O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 4(1), 53-64.
- McChesney, R.W. (2013). *Digital Disconnect: How Capitalism Is Turning the Internet against Democracy*. New Press, New York.
- McQuail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Medina, C. (1988). *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. Editora Summus Editorial.
- Medina, J. L. B. (2001). Gêneros jornalísticos: repensando a questão. *Revista Symposium*, 5, 45-55.
- Mencher, M. (1991). *News Reporting and Writing*. W.C Brown Company.
- Mendes, C. G. (2021). *A participação do público na informação: o caso da SIC Notícias*. Relatório de Estágio, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.14/37549>
- Monteiro, D. C. (2020). *Os processos de produção noticiosa e o lugar do futebol na imprensa regional: o caso do jornal Correio do Minho*. Relatório de Estágio, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/70309>
- Moraes Gonçalves, E., Dos Santos, M.; Porto Renó, D. (2015). Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo Chasqui. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, (130), 223- 242.
- Oliveira, J. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (Cenjor).
- Paschoarelli, L. C., Medola, F. O., & Bonfim, G. H. C. (2018). Características Qualitativas, Quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. *Revista De Design, Tecnologia E Sociedade*, 2(1), 65–78. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/15699>

- Paschoarelli, L. C., Medola, F. O., & Bonfim, G. H. C. (2018). Características Qualitativas, Quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. *Revista De Design, Tecnologia E Sociedade*, 2(1), 65–78. Retirado de <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/15699>
- Pérez-Curiel, C. (2008). Comunicación Política: un reto para la especialización de periodistas y fuentes. *Ámbitos. Revista Andaluza de Comunicación*, 17, 251–269.
- Pinto Balsemão, F. (2021). *Memórias*. Porto: Porto Editora.
- Pinto, M. (2000). Fontes Jornalísticas: Contributos para o mapeamento do campo, Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste: Série Comunicação, 14, 277-294;
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, A. R. M. (2015). O tratamento jornalístico que a RTP1 dá à cultura: o caso do Telejornal. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/41164>
- Ramos, M. (2013) Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. *Mediações*, 18(1), 55-65.
- Rosen, J. (1991). Making journalism more public. *Communication*, 12(2), 284.
- Schmitz, A. A. (2011). Classificação das fontes de notícias. *Florianópolis, SC: UFSC*.
- Serrano, E. (1999). Jornalismo e Elites do Poder. Retirado de <https://www.bocc.ubi.pt/pag/serrano-estrela-jornalismo-elites-poder.pdf>
- Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (2014). *Mediating the message in the 21st century: A media sociology perspective*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- Silva, A. (2018). *O papel dos diretos nos noticiários televisivos portugueses*. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10284/7445>
- Sousa, J.P. (1999) *As teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media*. Porto: Edições, Universidade Fernando Pessoa.
- Traquina, N. (2002). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Traquina, N. (2004). *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Editora Insular.
- Traquina, N. (2008). *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística*. Florianópolis: Insular.

Tuchman, G. (1978). Making News: A Study in the Construction of Reality. *Social Forces*, 59(4).

Wolf, M. (1994). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.

Zúñiga, V., & Valido, R. (2017). Uso de géneros periodísticos, valores noticia y fuentes de información de Santiago de Cuba. *Vivat Academia Revista de Comunicación*, 138, 120-140. <https://doi.org/10.15178/va.2017.138.120-140>

Anexos:

Semana que compreende os dias 26, 27, 28, 29 e 30 de junho de 2023

EDITORIA / PROGRAMA	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
SOCIEDADE	84 (42,6%)	26 (18,6%)
INTERNACIONAL	44 (22,3%)	49 (35%)
POLÍTICA	29 (14,7%)	27 (19,3%)
ECONOMIA	15 (7,6%)	13 (9,3%)
SAÚDE	13 (6,6%)	9 (6,4%)
DESPORTO	11 (5,6%)	10 (7,1%)
CULTURA	1 (0,5%)	6 (4,3%)
TOTAL	197	140

GÉNEROS JORNALÍSTICOS	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
PEÇAS/REPORTAGENS	176	111
DIRETOS	7	10
OFF	5	8
COMENTÁRIOS	1	4
GRANDES REPORTAGENS	0	5

Quadro 1: Editorias e géneros jornalísticos abordados (média semanal)

FONTES / PROGRAMA	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
INDIVIDUAIS (cidadãos comuns, comentadores não-especializados...)	167 (43,2%)	85 (29%)
OFICIAIS (representam o poder público)	81 (21%)	109 (37,2%)
INSTITUCIONAIS (representantes de instituições credíveis, empresas, sindicatos...)	66 (17%)	50 (17,1%)

REFERÊNCIAS (bibliografia, documento ou media consultada pelo jornalista)	36 (9,3%)	22 (7,5%)
NÃO-OFFICIAIS (ONG's, associações...)	23 (5,9%)	7 (2,4%)
ESPECIALIZADAS (peritos, especialistas, médicos)	14 (3,6%)	20 (6,8%)
TOTAL	387	293

Quadro 2: Número e categoria de fontes escutadas (média semanal)

Semana que compreende os dias 3, 4, 5, 6 e 7 de julho de 2023

EDITORIA / PROGRAMA	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
SOCIEDADE	77 (42,3%)	33 (25%)
INTERNACIONAL	28 (15,4%)	29 (22%)
POLÍTICA	33 (18,1%)	41 (31%)
ECONOMIA	6 (3,3%)	1 (0,8%)
SAÚDE	14 (7,7%)	15 (11,4%)

DESPORTO	20 (11%)	11 (8,3%)
CULTURA	4 (2,2%)	2 (1,5%)
TOTAL	182	132
GÉNEROS JORNALÍSTICOS	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
PEÇAS/REPORTAGENS	152	110
DIRETOS	16	3
OFF	9	5
COMENTÁRIOS	2	3
GRANDES REPORTAGENS	1	8

Quadro 3: Editorias e géneros jornalísticos abordados (média semanal)

FONTES / PROGRAMA	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
INDIVIDUAIS (cidadãos comuns, comentadores não-especializados...)	133 (40,2%)	102 (31,1%)
OFICIAIS	72 (21,8%)	121 (36,9%)

(representam o poder público)		
INSTITUCIONAIS (representantes de instituições credíveis, empresas, sindicatos...)	71 (21,4%)	51 (15,5%)
REFERENCIAIS (bibliografia, documento ou media consultada pelo jornalista)	31 (9,4%)	25 (7,6%)
NÃO-OFICIAIS (ONG's, associações...)	14 (4,2%)	10 (3,1%)
ESPECIALIZADAS (peritos, especialistas, médicos)	10 (3%)	19 (5,8%)
TOTAL	331	328

Quadro 4: Número e categoria de fontes escutadas (média semanal)

Semana que compreende os dias 24, 25, 26, 27 e 28 de julho de 2023

EDITORIA / PROGRAMA	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
SOCIEDADE	75 (43,6%)	43 (33,6%)
INTERNACIONAL	28 (16,3%)	37 (28,9%)

POLÍTICA	31 (18%)	28 (21,9%)
ECONOMIA	8 (4,7%)	5 (3,9%)
SAÚDE	9 (5,2%)	9 (7%)
DESPORTO	16 (9,3%)	2 (1,6%)
CULTURA	5 (2,9%)	4 (3,1%)
TOTAL	172	128
GÉNEROS JORNALÍSTICOS	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
PEÇAS/REPORTAGENS	131	96
DIRETOS	20	8
OFF	13	5
COMENTÁRIOS	0	1
GRANDES REPORTAGENS	0	11

Quadro 5: Editorias e géneros jornalísticos abordados (média semanal)

FONTES / PROGRAMA	<i>Primeiro Jornal</i>	<i>Jornal da Noite</i>
INDIVIDUAIS (cidadãos comuns, comentadores não-especializados...)	142 (41,5%)	137 (48,8%)
OFICIAIS (representam o poder público)	71 (20,8%)	69 (24,6%)
INSTITUCIONAIS (representantes de instituições credíveis, empresas, sindicatos...)	80 (23,4%)	45 (16%)
REFERENCIAIS (bibliografia, documento ou media consultada pelo jornalista)	29 (8,5%)	20 (7,1%)
NÃO-OFFICIAIS (ONG's, associações...)	13 (3,8%)	3 (1%)
ESPECIALIZADAS (peritos, especialistas, médicos)	7 (2%)	7 (2,5%)
TOTAL	342	281

Quadro 6: Número e categoria de fontes escutadas (média semanal)

Anexo 7: Guião das entrevistas (coordenadora adjunta, jornalista e produtora)

- 1.** Quais são os critérios na seleção de informação?
- 2.** Como é que define o contacto com as fontes e quais são os critérios a ter em conta?
- 3.** Quais são as diferenças entre o Primeiro Jornal e Jornal da Noite? Porque é que isso acontece?
- 4.** Quais são as editorias com maior destaque nos dois noticiários e porquê?
- 5.** A notícia que abre um jornal é, por norma, aquela que tem maior relevância informativa. Quando é que se justifica abrir um noticiário com uma notícia nacional ou internacional?
- 6.** Qual é a importância de haver espaço para outros géneros jornalísticos nos noticiários?
- 7.** De todas as editorias que existem na SIC, qual é a que tem menos peso no PJ e no JN?
- 8.** Qual é a importância de haver espaço para outros géneros jornalísticos no noticiário?
- 9.** O que é que justifica um direto?
- 10.** Qual é a importância da Sky News na SIC?
- 11.** Quais são os maiores desafios que o jornalismo enfrenta e que mudanças é que precisam de ser feitas?